

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

Discurso Religioso e Discurso Escolar produzindo disciplina na Escola:
Diálogos com saberes e práticas de professores

GIOVANNA PINTO GULARTE

Pelotas, 2009

GIOVANNA PINTO GULARTE

**Discurso Religioso e Discurso Escolar produzindo disciplina na Escola:
Diálogos com saberes e práticas de professores**

Projeto de Dissertação apresentado à
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

Pelotas, 2009

Catlogação na fonte:

Carmen Lúcia Lobo Giusti – CRB-10/813

G971d Gularte, Giovanna Pinto.

Discurso religioso e discurso escolar produzindo disciplina na escola : diálogos com saberes e práticas de professores / Giovanna Pinto Gularte; Gomercindo Ghiggi, orientador. – Pelotas, 2009.
99f.

Trabalho acadêmico – Faculdade de Enfermagem e
Obstetrícia, Universidade Federal de Pelotas.

1. Disciplina escolar. 2. Cultura religiosa. 3. Cultura
escolar. 4. Prática docente 5. Psicologia educacional I. Ghiggi,
Gomercindo, orient. II. Título.

CDD: 370.15

Banca examinadora:

Gomercindo Ghiggi (UFPEI)

Alonso Bezerra de Carvalho (UNESP)

Helôisa Helena Duval de Azevedo (UFPEI)

Victor Hugo Guimarães Rodrigues (FURG)

AGRADECIMENTOS

- A Deus, a Ele todo o meu louvor e a minha adoração, pois sem Ele eu nada seria;
- Ao querido mestre, pesquisador e orientador Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi, pela confiança e ensinamentos importantes no curso e na minha vida profissional;
- Aos meus pais, Ruy e Tereza, pelos ensinamentos na minha formação como pessoa, por acreditarem na minha capacidade e por me incentivarem a concluir este trabalho;
- Ao meu marido Rildo, pelo companheirismo, amor, incentivo e paciência, compartilhados em todos os momentos alegres e difíceis durante o curso;
- A minha filha Keilah, pela sua independência, quando necessária a minha ausência durante o processo de formação;
- A todos que colaboraram para a realização e finalização deste trabalho, muito obrigada.

Dedico este trabalho a Deus
e à minha valorosa família.

“Os remanescentes, na América contemporânea, são
derivativos de uma regulamentação religiosa de vida que
outrora vigorou com penetrante eficiência.”

(Max Weber – *Ensaio de Sociologia*)

Resumo

GULARTE, Giovanna Pinto. **Discurso Religioso e Discurso Escolar produzindo disciplina na Escola: Diálogos com saberes e práticas de professores.** 2009. 95f. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente trabalho objetivou analisar o entrecruzamento dos discursos religioso na modernidade e escolar atual a respeito da temática disciplina. Procurou-se resquícios da disciplina instrumentada na modernidade, resquícios que, de acordo com os instrumentos aplicados (questionário e entrevistas) na Escola Municipal Helena Small junto à direção, professores, funcionários e alunos e também na pesquisa bibliográfica, que além de Weber, buscou-se em Foucault, Paulo Freire e outros importantes autores que abordam a temática acima mencionada, ficou evidente que ainda encontramos tais resquícios implícitos, velados nas práticas “do silêncio”, utilizada como medida disciplinar. Para embasar a presente dissertação buscou-se caracterizar a disciplina por meio de uma análise detalhada de algumas obras de Max Weber no que se refere ao discurso religioso; analisar o discurso escolar a respeito da temática da disciplina através dos escritos de Michel Foucault; listar os métodos disciplinares utilizando dados de autores contemporâneos; evidenciar os métodos disciplinares idealizados e praticados no discurso escolar atual utilizando os documentos estatutários de Regimento Interno Escolar, depoimentos e questionários aplicados a professores da Escola Municipal Helena Small; analisar textos de Paulo Freire que abordam a temática da disciplina, buscando as possibilidades de respostas quanto aos conflitos presenciados na escola. Não se pode deixar de enfatizar que, por meio do discurso do coletivo escolar, que fez parte do processo de investigação para este trabalho, evidenciou-se o grau de complexidade quanto à conclusão dos dados obtidos, que não se pode dar como esgotado, visto que o tema abordado é, atualmente, motivo de exaustivas discussões, principalmente por que envolve diretamente o núcleo familiar e por isso, tal temática merece ser tratada de forma objetiva e clara, mas sempre observando a delicadeza, a sutileza que tal assunto deve ser tratado. Tratar do tema disciplina requer muito diálogo com a escola, requer a quebra de muitos tabus criados ao longo de muitas décadas, requer a adequação do processo ensino/aprendizagem aos tempos atuais, e, fundamentalmente, exige dos docentes flexibilidade, paciência, atualizações constantes e disposição para o diálogo.

Palavras-chave: Disciplina - Discurso Religioso – Discurso Escolar – Práticas - Saberes

Resumen

GULARTE, Giovanna Pinto. **Discurso Religioso y Discurso Escolar produciendo disciplina en la escuela: Diálogos con saberes y prácticas de los profesores.** 2009. 95f. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas

Este estudio tuvo como objetivo examinar la imbricación del discurso religioso en la modernidad y escolar actual sobre el tema de disciplina. Se buscó resquicios de la disciplina instrumentada en la modernidad, resquicios que, de acuerdo con los instrumentos aplicados (cuestionarios y entrevistas) en la escuela Municipal Helena Small junto con la dirección, los profesores, el personal y los estudiantes y también en la investigación bibliográfica, que además de Weber, se buscó en Foucault, Paulo Freire y otros autores importantes que abordan la temática que se ha mencionado anteriormente, es evidente que incluso estos resquicios están implícitos, veladas en las prácticas "del silencio", utilizado como medida disciplinaria. Para fundamentar esta tesis se trató de caracterizar la disciplina a través de un análisis detallado de algunas de las obras de Max Weber en relación con el discurso religioso; analizando el discurso escolar sobre el tema de la disciplina a través de los escritos de Michel Foucault; listar los métodos disciplinarios a partir de datos de autores contemporáneos; evidenciar los métodos disciplinares idealizados y practicados en el discurso escolar actual, utilizando los documentos estatutarios del Regimiento Interno Escolar, las declaraciones y los cuestionarios aplicados a los profesores de la Escuela Municipal Helena Small; analizar los textos de Paulo Freire que aborden la temática de la disciplina, en busca de oportunidades para las respuestas a los conflictos presentados en la escuela. No se puede dejar de subrayar que, a través del discurso del colectivo escolar, que hizo parte de la investigación para este trabajo, se puso de manifiesto el grado de complejidad con respecto a los datos obtenidos, que no se puede dar como agotado, ya que el tema abordado es, actualmente, la causa de extensos debates, principalmente debido a que involucra directamente a la familia y, por lo tanto, tal cuestión merece ser tratada de manera objetiva y clara, pero siempre observando la delicadeza, la sutileza que este asunto debe ser tratado. Tratar del tema disciplina exige mucho diálogo con la escuela, requiere la ruptura de muchos tabúes creados durante muchos decenios, exige la adecuación de la enseñanza / aprendizaje de los actuales tiempos, y, sobre todo, pide a los profesores la flexibilidad, la paciencia, y actualizaciones constantes y disponible para el diálogo.

Palabras clave: Disciplina - Discurso Religioso - Discurso Escolar – Prácticas - Saberes

Lista de Figuras

Figura 1- Percentual de professores quanto a percepção de problemas de disciplina na escola	70
Figura 2 - Confissão Religiosa indicada pelos professores.....	71
Figura 3 - Insistência do conceito e saber docente quanto a disciplina.....	71
Figura 4 - Partes significativas do conceito de disciplina dos Professores.....	74
Figura 5 . O respeito demonstrado no silêncio no conceito de disciplina em citação direta e indireta dos professores.....	83
Figura 6- Movimentação na escadaria, a ordem dos sujeitos que por ela transitam.	89
Figura 7- Imagem da fuga, a liberdade sendo exercida.....	90
Figura 8 - Imagem do retorno as brincadeiras embaixo da escada.....	94

Sumário

Introdução.....	12
1. Tecendo o conceito de disciplina a fim de delinear o trabalho investigativo..	17
1.1 Conceituando a disciplina: a origem desta pesquisa.....	20
1.2 O problema de pesquisa e os objetivos.....	21
1.3 A Metodologia adotada: da intenção metodológica à análise dos discursos.....	23
1.3.1 Explicitando a metodologia adotada.....	23
1.4 Modernidade, Contemporaneidade e Atualidade: desses tempos os autores essenciais à pesquisa.....	25
1.5 Os instrumentos de coleta de dados e a unidade de análise central.....	27
2. Karl Emil Maximilian Weber a referência quanto às questões disciplinares no discurso religioso na modernidade.....	29
2.1 Através dos “Ensaio de Sociologia” a organização do conceito de disciplina de Max Weber na modernidade.....	31
2.2 “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”: o discurso religioso e a disciplina dispostas na modernidade.....	36
2.3 As características da disciplina externa e interna do “discurso religioso” na modernidade.....	41
3. Os saberes e as práticas disciplinares da escola na modernidade e na atualidade	49
3.1 A organização escolar nas modalidades intelectual e fabril: a disciplina instalada na modernidade.....	50
3.2 Apresentando alguns autores e a percepção da disciplina da escola atual e as várias interpretações para tais.....	54
3.3 A Escola Municipal Helena Small seus detalhes no processo investigativo.....	63
3.4 As mudanças e as novas necessidades no espaço e para os indivíduos.....	64
4. Será que ainda existem resquícios da disciplina do discurso religioso no discurso escolar?.....	70
4.1 Encontrando os resquícios da disciplina do discurso religioso na modernidade no discurso escolar na atualidade.....	75
4.2 A disciplina do silêncio encontrada nos discursos religioso e escolar: a unidade central de análise.....	82
4.3 O discurso e a prática do silêncio: para Paulo Freire a necessidade de uma virtude	88
Conclusão.....	95

Referências.....

INTRODUÇÃO

Há um sinal nos tempos, entre outros, que me assusta: a insistência com que, em nome da democracia, da liberdade e da eficácia, se vem asfixiando a própria liberdade e, por extensão, a criatividade e o gosto da aventura do espírito. A liberdade de mover-nos, de arriscar-nos vem sendo submetida a uma certa padronização de fórmulas, de maneiras de ser, em relação às quais somos avaliados. **(Paulo Freire)**.¹

A escola na atualidade vive um período turbulento. Um período marcado por questionamentos quanto aos comportamentos, formas de agir e reagir dos sujeitos da educação escolar. Nunca se problematizou e se caracterizou, de forma tão intensa a díade disciplina/indisciplina como atualmente. Dialogando com Paulo Freire, por meio da citação inicial desta introdução, concorda-se que a marca posta à vista é a da inércia e da imobilidade instauradas na escola. Ambas, contrariamente à ideia² de uma democracia e de uma liberdade, acarretam muitos problemas no cotidiano escolar.

Através do diálogo mantido com professores durante a carreira docente, constata-se que acentua-se uma grande preocupação e também um forte questionamento quanto ao que fazer mediante comportamentos considerados

¹ PAULO FREIRE. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.128-129.

² Este trabalho cumpre sua correção com as novas regras do acordo ortográfico proposto em reforma e em vigor desde 1º de janeiro de 2009, com o período de transição de 3 anos. Esta dissertação também cumpre com as normas técnicas do documento *Teses, Dissertações, Trabalhos Acadêmicos: manual de normas da Universidade Federal de Pelotas*. Carmem Lúcia Lobo Giusti...[et al]. –Pelotas, 2006.61f.

inadequados, dentro e fora da escola. Então pergunta-se: Há uma forma de padronização do comportamento dos alunos em sala de aula? Também se questiona: O que é considerado, pelos professores, como comportamento adequado ou inadequado para o ambiente escolar?

No centro do processo investigativo, encontrou-se com insistente presença a problemática da disciplina/indisciplina. A saber, esta problemática é exposta numa rica e extensa literatura, sendo datadas, obras com maior especificidade, a partir de 1960, como a obra de [Imídeo G. Nérici](#), *Adolescência: o drama de uma idade*, na qual salienta que “queiramos ou não, o problema da disciplina é preocupação constante da escola e do professor”.(NÉRICI,1960, p. 311).

A literatura existente sobre a temática disciplina/indisciplina, até então, é direcionada a profissionais que atuam junto à educação como psicólogos, orientadores, coordenadores pedagógicos, psicopedagogos e professores. Estudos bibliográficos e sistêmicos para aqueles que buscam suporte teórico quando em dúvida quanto que disciplina pensar ou que disciplina aplicar com crianças e jovens, como também relatos de pesquisa de estudo de caso para aqueles que procuram respostas práticas para a problemática vivenciada diariamente em sala de aula. Parte dessa literatura contém, em sua organização e produção, a apresentação de muitos relatos de professores, anônimos para nós, que ajudam àqueles que procuram encontrar soluções para a problemática disciplinar. Profissionais da educação expõem aos pesquisadores os seus anseios e as suas frustrações quanto aos comportamentos considerados como desconcertantes e não condizentes ao que é esperado pelos docentes em relação aos discentes.

Alguns escritores imersos na díade disciplina/indisciplina conseguem captar e apresentar de forma detalhada, que sabemos só serem possíveis através dos relatos dos professores em sala de aula, as características que, segundo os educadores, compõem um quadro dos comportamentos inadequados. A pesquisadora Cíntia Copit Freller, em seu livro *Histórias de Indisciplina Escolar*, proporciona-nos a leitura do relato de sua pesquisa junto a docentes. Neste trabalho a autora consegue, por meio de registro minucioso, a descrição do que é para alguns professores um comportamento considerado indisciplinado. Segundo a autora, a indisciplina para os docentes que participaram de sua pesquisa é vista

como o “[...] movimentar-se, gritar, falar alto, não fazer a tarefa, conversar, imitar animais, responder ao adulto [...].” (FRELLER, 2001, p.60).

Assim, descortina-se algumas formas do que a autora entende como a “*inteligibilidade das condutas*”, uma categoria tratada pela mesma e também sintetizada como a descrição do que são considerados pelos professores como comportamentos inadequados. (FRELLER, 2001).

A indisciplina, analisada particularmente por alguns estudos exploratórios, como o de Maria Estrela e Celso dos Santos Vasconcellos passa a ser considerada como um fenômeno, isso porque, tem como característica, preponderante, a variabilidade, motivo a indagações sobre o que seja possível instigar ou causar sua reação. E, tal como um fenômeno, sua manifestação é ocasional, sem medida e compreensão exata por parte daqueles que lidam diretamente com ele na sala de aula e na escola.

Segundo Maria Estrela, sabe-se que a indisciplina caracteriza-se pela desordem e desregramento, mas o interessante é que mesmo sabendo disso existe uma agitação ruidosa por parte dos docentes e também todo coletivo profissional da educação. (ESTRELA, 2002). E, ainda, este fenômeno é apontado pelos professores como um dos fatores que em muito prejudica a aprendizagem e, conseqüentemente, a formação dos sujeitos. Roberto Giancaterino, renomado Filósofo, Físico, Matemático e Pedagogo, em seu livro *Escola, Professor, Aluno: Os Participantes do Processo Educativo*, afirma que “[...] a indisciplina em sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores.”(GIANCATERINO, 2007, p.87).

Assim, a indisciplina, requer uma profunda discussão com aqueles que de certa forma tentam promover a disciplina e ao mesmo tempo observam a manifestação da indisciplina, buscando desvelar possíveis ações que antecedem o fenômeno. Para isso, é preciso que se faça a análise dos saberes e os confrontem com as práticas docentes.

Mas, contudo, não podemos esquecer que a disciplina foi historicamente administrada. Com rigor. Em cada tempo, ela comparece como instrumento de uso

apropriado por instituições como a religiosa, a familiar, a laboral (trabalho) e a do Estado através do conjunto militar e da escola. A primeira instituição citada anteriormente, a religiosa, soube forjar mecanismos disciplinares eficazes. (WEBER, 2002). Já a última, a escola, organizou sua disciplina mediante a necessidade que lhe era designada. (FOUCAULT, 2007).

Mas, entre todas as instituições, incluindo também a privada no processo de trabalho laboral, ocorreram trocas de saberes, chegando assim a observação e instalação de modelos disciplinares de umas nas outras. (ESTRELA, 2002). Por essa constatação, não se pode descartar a ideia da existência de possíveis prolongamentos do modelo disciplinar imposto pela religião, em um determinado tempo, para até a disciplina escolar atual.

Desde o início da pesquisa inferia-se a possibilidade de que na atualidade os professores, em meio a dúvidas sobre a disciplina, reproduzissem modelos disciplinares já há muito promovidos por discursos distintos. Com isso, o desafio investigativo que se propôs foi o de buscar e compreender a raiz da disciplina que é pensada e praticada por professores, ou seja, a possibilidade da disciplina do discurso religioso na modernidade remanescer como validação no discurso escolar atual através de saberes e práticas de professores. Isso constituiu o diferencial do processo investigativo relatado nesta dissertação.

No seguimento do texto desta dissertação, no primeiro capítulo, estará sendo apresentado o conceito de disciplina que se projetou em nossa memória, saberes e práticas. Na continuidade do capítulo, a descrição do problema de pesquisa e seus objetivos, bem como a metodologia adotada, os autores acolhidos no percurso investigativo e instrumentos aplicados na pesquisa.

Como composição do segundo capítulo, estará sendo apresentado o autor e as obras de referência quanto às questões disciplinares no discurso religioso na modernidade.

Já no terceiro capítulo estará sendo descrito os saberes e as práticas disciplinares da escola na modernidade e na atualidade. Também será feita a descrição, a partir de Michael Foucault, da organização escolar e da disciplina

instalada na modernidade pela instituição escolar. Ainda em conjunto no capítulo serão apresentados alguns autores, as percepções da disciplina da escola atual para os pesquisadores e a escola do processo investigativo e a problemática evidenciada por ela.

Por fim no quarto capítulo se buscará responder a pergunta: Será que ainda existem resquícios da disciplina do discurso religioso no discurso escolar? Concluindo o trabalho investigativo, após a análise da disciplina do silêncio encontrada nos discursos religioso e escolar posta como a unidade central de análise e a problematização junto a Paulo Freire quanto o discurso e a prática do silêncio na escola na atualidade.

Como toda a pesquisa, precisou-se tomar como princípio a fidelidade ao conteúdo que o material colhido garantiu. Assim, esta dissertação sujeitou-se ao que foi revelado e constituído como conteúdo quando no encaminhamento da pesquisa. Os objetivos traçados, primeiramente, serviram de mediação entre a intenção e o conjunto dos conteúdos recolhidos. Justifica-se então que, entre o encontro de categorias diversas e interessantes que possibilitaram a construção de uma matriz de análise, uma se tornou central devido a sua marcante insistência no material coletado: a disciplina do silêncio.

Mas, é preciso nesse primeiro momento tecer como o conceito de disciplina é entendido pelo pesquisador, uma solicitação feita pela banca de análise do anteprojeto, vista como cabível e de importância na trajetória investigativa.

1. TECENDO O CONCEITO DE DISCIPLINA A FIM DE DELINEAR O TRABALHO INVESTIGATIVO

Apontar o significado de disciplina levando em consideração a concepção de cada indivíduo, só é possível ao se resgatar suas lembranças nas quais exponham, de alguma forma, esse significado. Assim, descrever-se-á memórias da educação mantidas no meio familiar.³

Projetando-se há um tempo distante, aproximadamente 30 anos, tem-se a imagem de um cotidiano das crianças repleto de regras. Uma disciplina sim, sempre presente, em que havia horários pré-determinados para as tarefas e brincadeiras, com ações vigiadas, com e também ações punitivas. A conduta fora de casa era cobrada como a igual estabelecida dentro de casa. Tempos regidos para dormir, para escutar a leitura ou o conto de uma história, para brincar e estudar. Como exemplo de tarefas educativas, há a lembrança de um caderno de escrita (antes mesmo de frequentar a escola) e alguns livros ainda preservados, utilizados na infância como parte de ensino e complementar da disciplina.

Dos objetos educativos, percebe-se que as histórias e os conteúdos dos livros se diferenciavam aos dos contos de fadas. Eles eram diferentes dos compêndios de ciências ou da literatura fictícia, pertencentes à Bíblia. Mas, havia também os

³ As memórias relatadas neste capítulo são particulares, ou seja, memórias pessoais que criteriosamente descrevo a fim de conceituar a disciplina projetada e introjeta nos saberes e práticas. Isso, foi proposto na primeira banca de avaliação da pesquisa.

desenhos maravilhosos feitos junto ao pai numa mesa na varanda. Surge na lembrança também, os números que viravam patinhos, gatinhos e outros animais encantadores. Mas, também que esses mesmos objetos eram retidos quando havia quebra das regras, a desobediência era punida. Assim as atividades e as vontades não eram realizadas, devido ao entendimento da necessidade de vida regrada.

Contudo, o gosto musical, artístico e cultural, que se tem agora, quando adulto, deve-se a quebra de algumas regras que também serão apresentados aqui na continuidade do registro de memórias.

A representação da responsabilidade disciplinar da família, centrada na figura dos pais, baseava-se nos ideários e preceitos do credo religioso praticado. Algumas coisas eram permitidas e outras não, assim se constituíam as regras. Entre as permitidas eram escutar músicas e histórias consideradas apropriadas a uma criança. As não permitidas enquadravam-se a televisão, mais precisamente assistir a filmes ou a telenovelas.

A escola exigia uma disciplina que até se parecia com a recebida na família, porém, o sentimento de liberdade e independência dentro do espaço escolar fazia emergir reações diferentes as de aceitação, até então exigidas pela disciplina de casa. Na escola, após a quarta série muitas vezes eram feitos chamamentos por parte dos professores que davam indicações da existência de comportamentos indisciplinados. Algumas vezes, depois de alguma reação contrária a vontade ou ordem de algum professor, era preciso escrever algumas linhas repetidas e sem sentido, naquele momento, como forma de punição.

Se na escola era preciso escrever algumas linhas, em casa era retirado o brinquedo ou era proibida a saída para brincar na rua ou no pátio e até mesmo um passeio de sábado era vetado. Se na escola eram feitas correções verbais, perdas de recreio, cópias de um texto a mais e, é claro, fazer tudo sempre com exigido silêncio; em casa, também, após uma sabatina, por exemplo, quando perguntas feitas não eram respondidas a contento, era feita a exigência de silêncio.

Após muitos anos de luta, adentra-se no espaço educativo para cumprir quatro anos de formação em nível de graduação em Pedagogia – Educação Infantil e Ensino do Magistério. Porém, o trabalho junto à educação informal e formal já era uma realidade e um desafio. Cursar Pedagogia foi um tempo em que, a partir dos encontros cotidianos na academia, os debates e os diálogos em torno das condições da formação acadêmica e da docência deixaram marcas nos saberes. No período de formação também foi reforçada a necessidade de um contínuo estudo e reflexão sobre a educação em busca de uma melhor atuação e conhecimento de suas implicações.

Uma inquietação perdurou durante a graduação e guardada, ressurgiu em forma de interesse em torno do tema sobre disciplina e indisciplina. Começava assim, uma busca intensa aos recursos literários que pudessem acrescentar uma ampliação de conhecimentos sobre regras de conduta, o sistema disciplinar na educação e o fenômeno de indisciplina. Nesse tempo, algumas leituras como *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, de Paulo Freire; *O Juízo Moral na Criança*, de Jean Piaget e *Como Amar Uma Criança*, de Januz Korczak, foram importantes instrumentos de uma construção prática em sala de aula.

Participando como bolsista voluntária em projetos de extensão, também como bolsista e colaboradora de pesquisa na área da sociologia da infância, muitos foram os incentivos a busca de uma formação posterior à graduação. Os incentivos levaram a escolha de uma formação contínua com o ingresso no curso de pós-graduação *Latu-Sensu*, em nível de especialização em Psicopedagogia da UNIVEST –Lages –SC, iniciado em março de 2005 e concluído em junho de 2006.

Buscando entender os indivíduos no espaço educacional quanto ao fenômeno indisciplina, e também os ideários que possivelmente permeiam os discursos docentes, muitas indicações de literatura foram sugeridas por orientadores do curso de Psicopedagogia. Algumas delas evidenciavam elementos que caracterizavam os comportamentos dos alunos na escola e fora dela, tidos como inadequados. Toda problemática apontada na literatura consultada foi se tornando favorável a elaboração de uma investigação mais acirrada para um posterior registro científico.

Com o acesso a obras de autores que trabalhavam com uma temática específica, foi investigado e inventariado a (In)disciplina sob o olhar psicopedagógico. Essa jornada iniciou por uma investigação bibliográfica e resultou como tema e título de uma monografia aprovada com nota máxima: *(In)disciplina: sob olhares e aportes da Psicopedagogia*.

Ao realizar a seleção no mês de julho de 2006 para professor substituto da área de Didática, na FURG (Fundação Universidade Federal de Rio Grande) e ter aprovação, iniciou-se um processo de trabalho docente universitário, que proporcionou outras aprendizagens. Em março de 2007, após seleção para Tutor na área de Fundamentos da Psicologia, na UAB/FURG (Universidade Aberta da Brasil), teve-se uma ótima experiência em EAD (Educação a Distância). Mas a questão de interesse sobre a disciplina e indisciplina continuou insistentemente a inquietar os sentidos, levando novamente a ir ao encontro do curso de Pós –Graduação no nível de mestrado.

Com toda a educação disciplinar recebida no ambiente familiar e escolar ao longo da constituição do indivíduo que hoje se é, atuando atualmente como discente na educação infantil da Rede Municipal de Educação na cidade de Rio Grande-RS, ocorre agora, repensar sobre os modelos de disciplina que se observou nas relações cotidianas até a realização desta dissertação era vital para construção de todo processo.

1.1 Conceituando a disciplina: a origem desta pesquisa

Desde o primeiro momento de apresentação da proposta de pesquisa, na primeira banca de análise do projeto de mestrado, foi questionado sobre qual o conceito de disciplina possivelmente apreendido mediante toda ação disciplinar recebida em casa e na escola. O conceito que permanece é o de que disciplina são

regras para serem observadas, aceitas e praticadas, para o bem de si próprio e de todo coletivo.

Mas, uma grande diferença existe entre aquela disciplina recebida e a disciplina praticada nos dias de hoje e que é positiva. E, é que hoje precisa-se responder o porquê de sua efetivação, ou seja, a lógica de sua prática e a significância na vida dos indivíduos. Ao passo que, antigamente, não se ousava questionar o porquê das reprimendas, restava apenas consentir.

Na experiência do cotidiano escolar, junto ao seu coletivo, a partir das falas dos professores, foi possível detectar a necessidade de realizar uma investigação que consiga discernir se a disciplina que se quer na escola se dá por introjeções acomodadas ao longo dos tempos nas práticas e saberes docentes, ou seja, se é possível que o discurso escolar, quanto à disciplina, tenha as características da disciplina do discurso religioso na modernidade.

1.2 O problema de pesquisa e os objetivos

Em meio a tantas discussões e leituras já realizadas em torno da questão disciplina e indisciplina, ocorreu uma apropriação de qualidade investigativa quanto a possível origem das práticas e saberes disciplinares docentes. Indagava-se, então, se seria possível a existência de uma ponte epistemológica atemporal que constituísse saberes e práticas, perpetuadas ao longo da história moderna que se instaurasse na disciplina escolar.

Esboçando possibilidades do questionamento inicial para delimitação da pesquisa, reexaminando textos sobre a temática, tecendo hipóteses relativas à disciplina que se pensa e se faz na escola atual, trouxeram o reconhecimento de um hiato, um intervalo, entre a possível relação entre “discurso religioso na modernidade” e “discurso escolar” introjetado nos saberes e práticas de professores na atualidade. Mais precisamente, não se encontrou dentro das possibilidades de

acesso do cabedal científico⁴, uma atual referência de estudo e pesquisa como o proposto, detectou-se assim, a necessidade de uma investigação nesse sentido.

Apresentou-se, então, como um problema de pesquisa atual para dissertação uma questão inicial: é possível que um discurso vigoroso, como o “discurso religioso” que induzia indivíduos a uma regulação e a um ordenamento de comportamento na modernidade e que foi contemplado por Max Weber, remanescer na atualidade através dos saberes e práticas de professores, em seus ideários de disciplina e indisciplina pelo “discurso escolar”? E ainda, como superar as inquietações e os conflitos gerados pela disciplina e indisciplina?

O objetivo principal da pesquisa é saber se a disciplina apreendida e praticada pelos professores na atualidade apresenta resquícios do “discurso religioso” de outrora. Para tal acolheu-se como objetivos específicos:

1. Descrever a disciplina, através de uma análise minuciosa dos documentos de Max Weber, no que se refere ao “discurso religioso” na modernidade.
2. Caracterizar por meio de uma análise minuciosa dos escritos de Michel Foucault, o “discurso escolar” sobre a disciplina na modernidade;
3. Analisar as concepções de disciplina encontradas na escola atual, bem como listar os métodos disciplinares pensados e aplicados, utilizando dados de autores contemporâneos;
4. Evidenciar os métodos disciplinares pensados e praticados pelo discurso escolar atual através dos documentos estatutários de regimento interno escolar e depoimentos dos docentes;
5. Analisar e problematizar junto aos textos de Paulo Freire que abordem a temática da disciplina/indisciplina, buscando as possibilidades de resposta quanto aos conflitos e inquietações observados na escola.

1.3 A Metodologia adotada: da intenção metodológica à análise dos discursos

⁴ Pesquisando na rede de conexão como Portal da Capes, ferramenta de busca do Google, Scielo e etc, em data de março de 2007, obtivemos um total de demonstração de itens de pesquisas nulo a intenção da proposta investigativa.

No objetivo geral, foi apresentada a pretensão de caracterizar, por meio da análise dos documentos, o que se refere à possível relação entre o “discurso religioso” e o “discurso escolar”, a disciplina pertinente a cada discurso. Porém, salientamos que no processo investigativo a análise do discurso não foi acolhida como matriz e como referência a tomada linguística da linha de “análise francesa”, ou seja, não foi adotada a metodologia investigativa do campo referencial da Análise do Discurso da linha francesa devido a seu rigor investigativo linguístico que requer a orientação de um especialista da área.

Este esclarecimento deve-se por compreender que o referencial francês é uma “área que se propõe novas maneiras de se ler, colocando o dito em relação ao não dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras de arquivos, expondo o olhar do leitor à opacidade da língua.” (ORLANDI, 2001, p.86), já declarado que não se tinha a pretensão realizar no trabalho investigativo.

Já a análise discursiva nomeada *arqueologia foucaultiana*⁵ que é aquela que dos discursos não faz uma análise linguística, “mas uma interrogação sobre as condições de emergência de dispositivos discursivos que sustentam práticas [...] ou as engendram [...]”(REVEL, 2005, p.38), apresentou-se confortável e suficiente para a proposta da pesquisa. Segundo a autora já citada:

[...] o discurso designa, em geral, [...], um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamentos comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem em certo número de cisões históricas determinadas [...]: a ‘ordem do discurso’ própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da reprodução de saberes, de estratégias e de práticas. (REVEL, 2005, p.37).

Então, a análise do discurso realizada nesta pesquisa teve por finalidade descrever as estratégias e práticas disciplinares encontradas no “discurso religioso”

⁵ Esse método de análise tem como base o conceito de Michel Foucault citado na continuidade do parágrafo.

e no “discurso escolar” que ainda permeiam os saberes e as práticas dos professores na atualidade. Essa ação de análise possibilitou verificar e problematizar um possível remanescer de um em outro, causando práticas que não se validam no contexto escolar contemporâneo.

1.3.1 Explicitando a metodologia adotada

Entendendo que, uma investigação científica implica num escrutínio empírico e sistemático e que se baseia em dados apurados nas ações dos sujeitos nos cotidianos e nos descritos nas produções de autores idôneos (BODGAN, R.C., BIKEN, S.K, 1994), a pesquisa foi organizada de acordo com a escolha metodológica de investigação de análise bibliográfica e o estudo de caso. Isso porque a intenção era de que através do material bibliográfico, escrito por autores da modernidade como Max Weber, e também contemporâneos, como Michel Foucault, pudéssemos encontrar e delinear tanto as características dos métodos disciplinares do “discurso religioso” e do “discurso escolar” na modernidade. E, também, através de autores da atualidade caracterizar as ações disciplinares do “discurso escolar” contemporâneo. Após, com os dados coletados nas entrevistas e observações junto ao coletivo escolar na pesquisa de campo, contemplássemos com o máximo de fidelidade a realidade escolar e, assim, entender como se dá a relação entre docentes/discentes no cotidiano das salas de aula.

Por meio do estudo de caso sobre o discurso escolar atual quanto à disciplina, realizado na escola da rede municipal Helena Small, agregamos os saberes e as práticas disciplinares. Tendo os professores e todo coletivo escolar como participantes da pesquisa, por fim será analisado, junto à produção de Paulo Freire, se as concepções de disciplina e indisciplina, encontradas na escola investigada, ajudam a superar as inquietações e os conflitos atuais.

No processo investigativo foram aleatoriamente escolhidos participantes para a coleta de dados por meio da disposição à participação da pesquisa. Inicialmente, contou-se com a participação significativa de parte do quadro administrativo da escola, mais precisamente a diretora, a secretária e a coordenadora pedagógica. Também participaram, a contento, os alunos de quatro turmas de 7ª série e quatro turmas de 8ª série, totalizando 212 alunos.

Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário fechado para alunos, um questionário aberto para alunos, um questionário semi-aberto para alunos e professores, entrevista estruturada com aluno e direção, entrevista semi-estruturada com professores, declaração de pais, observação e registro fotográfico.

1.4 Modernidade, Contemporaneidade e Atualidade: desses tempos os autores essenciais à pesquisa

Dentre os vários estágios da pesquisa, foi primeiramente feita a escolha de bibliografia a ser adotada como referencial teórico e de extração de dados para a composição investigativa.

Acolhemos autores que descrevem e analisam as questões disciplinares em tempos distintos. Para examinar o “discurso religioso” quanto à disciplina na modernidade, escolhemos os textos de Max Weber, com maior ênfase em *A Ética Protestante e o “Espírito” Capitalista* e *Ensaio de Sociologia*.

Usamos também a descrição das formas de disciplina, realizada por Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, como também em outras obras do mesmo

autor. Esse processo de escrutínio bibliográfico em Foucault deu-se com a intenção de constituir uma matriz de dados do “discurso escolar” quanto à disciplina na modernidade, devido a sua riqueza de detalhes descritos a respeito da disciplina escolar e fabril, o que complementa o conhecimento a respeito de disciplina do discurso religioso, seus fins e sua contínua propagação.

Para detalhar a disciplina do “discurso escolar” atual, buscamos os escritos daqueles que caracterizam a disciplina na escola como também as concepções dos professores na atualidade. Entre os muitos existentes, escolhemos os textos de Maria Luisa Xavier, José Sergio F. de Carvalho, Julio Groppa Aquino, Cíntia Copitt Freller, Yves de La Taille, Celso dos Santos Vasconcellos e Maria Teresa Estrela.

Para a realização do penúltimo objetivo específico da pesquisa, analisou-se as práticas e as concepções das professoras, em busca da existência de uma conexão entre o poder modelador do “discurso religioso” na modernidade no “discurso escolar” atual quanto à disciplina.

A partir da análise dos dados colhidos na escola participante do processo de investigação, realizou-se o entrecruzamento de dados e, a partir deste, a síntese final.

Como o último objetivo específico desta pesquisa, analisar as concepções de disciplina encontradas na escola atual, buscando-se junto ao autor contemporâneo Paulo Freire organizar referenciais que ajudem a superar as inquietações e os conflitos atuais de disciplina na escola.

1.5 Os instrumentos de coleta de dados e a unidade de análise central

Segundo Otávio Cruz Neto (1994), a entrevista é uma técnica que se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Este instrumento também:

[...] serve como um meio de coleta de informações sobre determinado tema científico [...] não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (CRUZ NETO, IN: MINAYO, 1994, p.57).

No planejamento estratégico da pesquisa evidenciou-se a necessidade da aplicação de um instrumento capaz de captar a fala, ou seja, o discurso dos envolvidos no processo, sendo assim, a organização de entrevista foi a opção acolhida.

A principal entrevista teve como sujeito-objeto a diretora da escola e todo material coletado orientou a descrição e percepção da história de organização e funcionamento da escola, apresentando em seu desenvolvimento vários tópicos alusivos à questão disciplinar. Para registrar as falas dos sujeitos-objeto das entrevistas foi utilizado o recurso de gravação de áudio e transcrição total do mesmo. As entrevistas foram datadas e nomeadas, arquivadas junto a outros instrumentos de coleta de dados já descritos no sub-capítulo anterior.

Durante o processo investigativo, foi possível descrever o espaço escolar e as tramas que nele se desenrolam com o auxílio direto daqueles que estão envolvidos no cotidiano da escola por meio de autores atuais. Estes possibilitaram através de falas, claras e objetivas, descrever o quadro da problemática disciplinar. As inúmeras categorias, como por exemplo: as disciplinas da imobilidade do ordenamento e outras, apresentadas em seus escritos, auxiliaram o processo de escolha e encaminhamento metodológico da pesquisa empírica.

Durante os períodos de observação no espaço escolar, algumas insistências de práticas e saberes docentes foram sendo registrados, em diários e outros materiais como relatos e diálogos. Ao serem retomados em leitura de análise, foram

eles que, possibilitaram a constituição de categorias a serem exploradas criteriosamente segundo o grau de significância.

A partir da análise dos dados coletados, da categorização, ficou claro para nós que devido a insistência e a apuração do grau de significância de uma das categorias que tomou a proporção de necessário destaque. Por isso, e também pela clareza sobre o encaminhamento deste trabalho para quem tenha a oportunidade de ler esta dissertação, é necessário evidenciar que encontrará no texto a unidade central de análise desta dissertação que são os significados e percepções do *silêncio* no discurso escolar atual. Cabe também ressaltar que no encaminhamento textual serão apresentadas outras categorias que estarão a serviço da unidade de análise central.

Justificamos a escolha do *silêncio* como categoria central de análise, com a ajuda do autor de base do referencial teórico, Max Weber. Esse autor apresenta a questão metodológica, da escolha das categorias, como aquela em que “[...] se trata de identificar o objeto com cuja a análise e explicação histórica estamos às voltas, [...]. E, ainda, [...] não é o caso de dar uma definição conceitual, mas cabe tão-somente oferecer (pelo menos por ora) um delineamento provisório daquilo que aqui entende-se como [...]” (WEBER, 2004, p.42), resquícios de um “discurso religioso” sobre disciplina possivelmente ainda presentes no “discurso escolar” através das práticas e saberes docentes.

Especificada as escolhas e a justificativa devida, apresentamos, no próximo capítulo, uma descrição resumida da vida de Max Weber, o autor de base do referencial teórico. A seguir, enfocar-se-á a importância dada as suas obras e a relevante contribuição quanto à compreensão da expansão do capitalismo moderno do Ocidente, o processo de racionalização, todos significativos e influentes para a educação.

2. KARL EMIL MAXIMILIAN WEBER A REFERÊNCIA QUANTO ÀS QUESTÕES DISCIPLINARES NO DISCURSO RELIGIOSO NA MODERNIDADE

Dentre os pensadores que escreveram a respeito de fenômenos sociais na modernidade e também do discurso religioso, encontramos Émile Durkheim (1858-1917) e Karl Emil Maximilian Weber (1864 -1920). Criteriosamente, observando na leitura exploratória de obras desses dois autores, eles detiveram suas pesquisas e análises nos fenômenos sociais calcados por distintas religiões.

Mas como poderíamos descrever Karl Emil Maximilian Weber e de que forma apresentar sua relevância para este trabalho?

Max Weber alemão, nascido em 21 de abril de 1864, na cidade de Erfurt. De família importante, pertencia ao círculo da burguesia têxtil e muito próspera. Era filho primogênito de um magistrado e recebeu como nome completo Karl Emil Maximilian Weber. Seus estudos lhe dão em 1885 a graduação em Direito e culminou, em 1889, com o título de Doutor em Direito, pela Universidade de Göttingen. Em 1891, ficou noivo de Marianne Schnitger que seria, mais tarde, a senhora Karl Emil Maximilian Weber. O casal não teve filhos.

Sabe-se através de sua biografia (WEBER, 2004) que até o ano de 1904 já havia publicado alguns ensaios, começou então, a viajar acompanhado de Marianne e de um amigo, o teólogo Ernest Troeltsch. Em sua viagem aos Estados Unidos ficou impressionado com os traços tipicamente modernos do capitalismo norte-americano, isso o que influenciou na intenção de suas pesquisas e publicações posteriores.

Abruptamente, em 14 de junho de 1920, após ter escrito *Economia e Sociedade*, aos 56 anos e já conhecido como Max Weber⁶, morre de pneumonia. Deixa, porém, pronto para a publicação, nas mãos de sua esposa, o primeiro volume dos *Ensaio de Sociologia da Religião* no qual contém o texto de “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”.

O pesquisador e escritor Alonso Bezerra de Carvalho, salienta em seus livros que Max Weber é considerado por muitos estudiosos como um autor clássico que alcança com seus textos compreensões para a atualidade. Segundo Carvalho, ele “[...] traz às nossas reflexões temas os mais diversos – econômico, moral, religioso, político ou social, filosófico – influenciando sobremaneira o pensamento e a prática da cultura contemporânea.” (CARVALHO, 2005, p.13).

Para Hans H. Gerth e C. Wright Mills (2002) as obras de Max Weber são uma realização própria da auto-imagem de homem culto que ele mesmo tinha consigo, de um homem preocupado com todas as coisas humanas. Os autores acrescentam dizendo: “Sem dúvida a vida de Weber ilustra a forma pela qual a relação de um homem com a autoridade política pode ser modelada sobre a sua relação com a disciplina familiar.” (GERTH & MILLS, 2002, p.22).

O desenvolvimento do capitalismo foi observado por Max Weber como um fenômeno marcante, pois a afirmação e o avanço do mesmo naquela época eram instigados por uma força promotora de cunho “espiritual”, ou seja, o protestantismo moderno. Isso foi suficientemente interessante, Max Weber começa a estudar este fenômeno na passagem do século XIX para o século XX. (WEBER, 2004). Também estudou detidamente um processo denominado por ele de “racionalização” do Ocidente moderno, caracterizando a burocracia e abordando o processo de desencantamento do mundo.

Escolheu-se então para a coleta de dados bibliográficos desta dissertação dois escritos de Max Weber, “*Ensaio de Sociologia*” e “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, este último com maior ênfase. Levou-se em conta dois critérios. Um deles, é o critério da grande influência de seu pensamento e

⁶ Será utilizado nesse texto o nome usual de Karl Emil Maximilian Weber que é Max Weber.

compromisso com a pesquisa e o ensino. Pois, para ele, somente pela construção do conhecimento é que o ensino pode ter utilidade para os homens.(CARVALHO, 2004). O outro critério é que Max Weber ainda se destaca como um autor clássico que por tratar a modernidade e o discurso religioso em um mesmo compasso de tempo, isso sem negar qualquer riqueza de detalhes perceptíveis nos registros de suas obras, ainda hoje se aproxima das necessidades ainda problematizadas na atualidade. Afirma-se que se encontra em duas obras os traços precisos que ajudam a caracterizar na modernidade a disciplina do discurso religioso.

Por meio de Max Weber, encontrou-se um aporte, a matriz teórico-metodológica, impregnada de empirismo. Para esta trajetória dissertativa que encontrou-se a fonte principal nas obras “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*” e “*Ensaio de Sociologia*”, das quais faremos, a seguir, um breve destaque.

2.1 Através dos “Ensaio de Sociologia” a organização do conceito de disciplina de Max Weber na modernidade

Max Weber em sua obra “Ensaio de Sociologia” dedica um capítulo inteiro à disciplina de modo a contemplar a mesma do geral ao particular, do seu conteúdo aos indivíduos submetidos a ela. O autor conceitua a disciplina como uma força de poderes acessados da tradição ou da socialização que conseguem dissipar até mesmo o *carisma*⁷. Ele tipifica a disciplina na modernidade como uma *disciplina racional*⁸ uma modalidade de disciplina que faz com que seja decrescente a

⁷ Max Weber definiu o *Carisma* como uma qualidade extraordinária constante em determinados indivíduos. Nestes, a qualidade se constitui na virtude, um dom pessoal, que é considerada possível pela posse de forças sobrenaturais ou sobre-humanas, mas que não são acessíveis a todo indivíduo.(WEBER,2002).

⁸ Max Weber considera que uma ação é racional quando cumpre nela mesma duas condições essenciais. A primeira condição para uma ação ser racional é aquela que tem orientação a um objetivo que foi formulado de forma clara. A segunda condição para uma ação ser racional é quando os meios escolhidos para se atingir o objetivo são os mais adequados. (WEBER,2002, 2004).

importância da ação individual. Na obra citada, no Capítulo X. com o título: O Significado da Disciplina na Modernidade, Max Weber afirma que: “E de todas as forças que diminuem a importância da ação individual a mais irresistível é a disciplina racional.”(WEBER, 2002, p.177).

Max Weber nos ajuda então a compreender que a disciplina é uma força, que quando bem administrada, age nos indivíduos. De forma que, através de sua ação, o comportamento se torna contido, ou seja, efetiva-se a ação desejável conforme a idéia de quem dispõe do uso da disciplina. Mas não será eficiente se esquecer a objetividade e adequação de instrumentos, estes são necessários para que a disciplina potencialize seu poder. Assim, podemos dizer que a disciplina faz resistência na sua efetivação, ela decresce a ação individual retirando seu valor, sua importância.

Max Weber salienta que a disciplina possui um teor prescrito que ele, claramente, especifica como o conteúdo, conforme citação a seguir:

O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente à realização da ordem. (WEBER, 2002, p.177).

Então, se o conteúdo é primeiramente “apenas a execução da ordem recebida”, o que se segue no trecho da citação acima são as ações que necessitam passar o intelecto e o subjetivo de cada indivíduo. A disciplina racional, além de agir na disposição ou força dos indivíduos, também os prepara através de seu treino, de sua repetição exata, neutraliza as forças do agente indivíduo chegando ao produto final, ou seja, faz com que o indivíduo realize uma ordem recebida com obediência vista. Mas é importante destacar, conforme o autor, que:

Além disso, tal comportamento em relação às ordens é uniforme. Sua qualidade como ação comunal de uma organização de massa condiciona os efeitos específicos dessa uniformidade. [...] Para a disciplina, é decisivo que a obediência de uma pluralidade de homens seja racionalmente uniforme. (WEBER, 2002, p.177).

Mas a que organização de massa⁹ a disciplina melhor se aplica? Max Weber destaca algumas qualidades da disciplina, entre elas a de ser impessoal. E, além disso, nas próprias palavras de Max Weber, “Infalivelmente neutra, ela se coloca à disposição de qualquer força que pretenda seus serviços e saiba como promovê-los.” (WEBER, 2002, p.178). A disciplina, então, pode ser compreendida como um mecanismo multiforme que assume a forma ou força necessária mediante a uma estrutura que saiba promover a organização de massa devida.

Max Weber ao apresentar algumas qualidades que concede à disciplina racional, como a de ser impessoal e de ter uso multiforme, verificou também a aplicação da disciplina e seus efeitos nos indivíduos. Ele afirmou que sobre sua aplicação nos homens [...] a disciplina coloca o hábito à habilidade rotineira. Na medida em que a disciplina apela para motivos firmes de um caráter ‘ético’, pressupõe um ‘senso de dever’ e ‘consciência’.”(WEBER, 2002, p.178).

Assim, entendemos que a disciplina quando é bem organizada e mecanizada sobre os indivíduos, através de estímulos psicológicos, faz com que os indivíduos forçosamente, ou seja, pela força do sentido da disciplina, integre-se ao todo que é o fim da disciplina aplicada.

Podemos, então, perceber uma disciplina sendo aplicada quando é exigida uma dedicação por uma causa comum ou pelo desejo de um êxito pretendido, por qualquer que seja o elemento final.

A disciplina, historicamente, foi utilizada por forças de comando de massa das mais diversas. A disciplina foi e ainda é aplicada na massa militar, na massa religiosa, na massa operária, na massa religiosa e outros espaços como hospitais e

⁹ Max Weber qualifica uma organização de massa como um grupo de indivíduos coligados numa mesma situação, como exemplo: o povo, o exército, adeptos de uma seita e outros citados em sua obra “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”. Esclarece-se que o conceito de massa não será tratado com maior detalhamento nesta dissertação. (WEBER, 2004).

serviços de produção intelectual, como escolas. Segundo os estudos de Max Weber, a disciplina tem um caráter objetivo. Mas ter esse caráter, não quer dizer que o elemento final precise ser, necessariamente, desejado por todo indivíduo de uma massa.

A disciplina coloca os indivíduos em seus lugares e os obriga a continuar. (WEBER,2002). Um exemplo disso pode ser imaginado como uma cena descrita como a de homens em um barco remando em fileiras distintas, uma fileira após outra tem em sua organização mecânica a responsabilidade de impulsionar o movimento e mantê-lo para que outros sistematicamente o continuem, isto é, remar para chegar a algum lugar. Cada um faz parte de um todo, do desencadeamento da ação que necessariamente não pode parar. Mas, todo o ritmo pode ser quebrado, e se o é isso implica na necessidade de voltar-se ao início da força para a potência plena do conjunto, causando o desgaste, e esforço maior, quebrar a ação, então logicamente é melhor ser contínuo o impulso. Para Max Weber isso é integrar, sentir que é parte e “Essa integração é um forte elemento de toda a disciplina, [...]”. (WEBER, 2002, p.178).

No sub-capítulo cujo título é “As origens da disciplina na guerra”, da obra “Ensaio de Sociologia” (2002), Max Weber apresenta uma ótima descrição do poder da disciplina em dar forma a um coletivo, transformado através dela, indivíduos em uma massa homogênea. Encontra-se a descrição da forças desordenadas dos exércitos quando em batalha davam brechas para o enfraquecimento das milícias.

Com o surgimento de novas armas de fogo como mosquetes, pistolas e canhões, foi preciso, nos exércitos, a formação e instalação de linhas na frente para os combates. Foi necessária uma ordenação e, para isso, a disciplina bem calculada foi a promotora da unidade de guerra, da integração do esforço no combate, empreendendo nas guerras, táticas disciplinadas decisivas para superar o inimigo para maior qualidade.

A superioridade técnica, alcançada através de um método constituído da disciplina, foi vista como o início da transformação necessária dos sujeitos da massa das milícias, que passaram por uma qualificação para a guerra. Max Weber diz que:

Foi a disciplina e não a pólvora que iniciou a transformação. [...] a recusa em que se mantinham até então mercenários de fazer serviços braçais (*opera servilia*) deixou de vigorar. As vitórias de Cromwell [...] deveram-se à sóbria e racional disciplina puritana. Seus 'Ironsides'- "homens de consciência" [...] A pólvora e todas as técnicas de guerra a ela associadas só se tornaram significativas com a existência da disciplina [...].(WEBER, 2002, p.179-180).

A disciplina apresentada por Max Weber atinge as mais variadas gamas da sociedade e suas organizações. Em seu livro "Ensaio de Sociologia" (2002), ele ainda nos apresenta a disciplina da fábrica e seu poder de ação apoiado na base do cálculo metódico de tempo e esforço.

Max Weber em seus estudos apresentou o que uma disciplina muito bem manipulada podia e pode promover tanto na economia como na cultura de uma sociedade qualquer. Max Weber preferiu, em seus estudos, aprofundar o quanto também uma religião, por sua disciplina organizada, pode influenciar nos modos de conduta econômica e social dos indivíduos na modernidade.

2.2 "A Ética Protestante e o 'Espírito' do Capitalismo": o discurso religioso e a disciplina dispostas na modernidade

Para ajudar-nos na delimitação da pesquisa, buscamos nos escritos de Max Weber alguns saberes sobre o capitalismo na modernidade e a regulação de vida

feita através da disciplina, para deles extrair características que foram reordenadas por ele - Max Weber - a partir de sua investigação.

Das conjunções sobre os motivos que levaram à expansão e ao êxito do capitalismo nas sociedades, Max Weber apresentou o argumento de que a confissão reformada, predominante na época, determinava o modo de vida regrado para o trabalho, o que intensificou o fenômeno do capitalismo. Esse modo de vida regrada Max Weber vai também perceber como a *disciplina racional*.

A obra “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, primeira versão escrita entre 1904 e 1905, é considerada pertencente à categoria de uma das fundadoras do pensamento científico moderno que procurou compreender o capitalismo e sua profusão. Max Weber organizou-a a partir da compreensão e da apreensão de elementos da cultura e conduta de vida de religiosos na modernidade. Elementos cujos fundamentos morais e simbólicos eram enraizados na tradição religiosa que também predominava anteriormente no mundo Medieval.

Max Weber ao explicar o que foi o capitalismo na modernidade através da obra “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do capitalismo*”, um produto religioso, também realizou através de sua investigação uma importante historização da religião protestante. Nos textos consegue explicar como se originou, quais os seus dogmas e sua contribuição para o capitalismo. Afirmando que o discurso religioso na modernidade conduziu ao desenvolvimento e fomento do fenômeno econômico, ampliando o senso para negócios e riqueza. Segundo suas próprias palavras,

[...] mais estrondosa é a conjunção, que basta apenas evocar, da regulamentação religiosa da vida com o mais intenso desenvolvimento do senso de negócios justamente naquelas inumeráveis seitas cujo ‘estranhamento da vida’ se tornou tão proverbial quanto sua riqueza: [...]. (WEBER, 2004, p.37).

O “espírito capitalista”¹⁰, uma expressão que o próprio Max Weber considerou ser difícil atribuir um conceito fechado, propagou-se através da regulamentação religiosa da vida, e esta por sua vez serviu tanto para a consolidação como para o êxito na modernidade. A importância do aporte da religião estava em seus modos de vida¹¹, que levaram a eclosão econômica dos reformistas. A disciplina, através de sua força, a partir de um consistente discurso religioso, organizou e determinou o “espírito de trabalho” de seus adeptos.

O autor salienta que regulamentação religiosa da vida se dá precisamente por vias da constituição e da manutenção de uma ordem que institui o “espírito de trabalho”. Este, segundo o discurso religioso, é o fim único da existência do homem, ou seja, pelo trabalho, a existência do homem é justificada e assim o seu espírito glorificará a Deus. Não como uma alegria terrena, mas como uma propriedade da vocação, criando assim um sentimento de fim para com o trabalho, um “espírito de trabalho”. (WEBER, 2004).

O “espírito de trabalho” ainda pode ser entendido em sua extensão como aquilo que alimenta e garante o avanço social e econômico, enfim, o progresso. (WEBER, 2004, p.38). Max Weber detecta o “espírito de trabalho” através da notável economia crescente proveniente do desenvolvimento industrial. Uma influência do “espírito de trabalho” ocorreu sobre a organização deste, que passava, então, do individual, em pequena proporção, para o profissional em larga escala. O “espírito de trabalho” era notado na vida dos sujeitos quando eles conseguiam ganhar mais e mais dinheiro, segundo regras impostas. (WEBER, 2004, p.47).

O “discurso religioso” impregnou nos sentidos dos indivíduos a necessidade do “espírito do trabalho”, o progresso. Com isso, aliou-se a idéia de ganhar dinheiro ou agregar economias, retomada pelo “discurso religioso” como a prosperidade e a posse eterna. Max Weber compreendeu isso a partir dos escritos de Benjamim

¹⁰ Podemos indicar que ao final da leitura da obra é possível apenas apresentar o trecho: “É uma obrigação que o indivíduo deve sentir e que realmente sente, com relação ao conteúdo de sua atividade profissional, não importando no que ela consiste, e particularmente, se ela aflora com uma utilização de seus poderes pessoais ou apenas de suas possessões materiais”. (WEBER, 2004, p. 47), talvez nos leve inicialmente a entender a cultura capitalista e não um conceito fechado do “espírito capitalista” tratado por Max Weber.

¹¹ Entende-se como equivalente ao produto da disciplina, o regramento e conduta de vida, usados como variantes nos textos de Max Weber.

Franklin, os quais apontam que tem dignidade e honra eterna quem tem o sucesso e a prosperidade como produto de seu labor. Diz o texto: “[...] Vês um homem exímio em sua profissão? Digno ele é de apresentar-se perante os reis”.(WEBER, 2004, p.47).

Entendemos assim, que o discurso religioso ao incrementar o “espírito de trabalho” inspirando ao sucesso e à prosperidade financeira, enfatizava que a apresentação dos homens perante Deus necessitava de uma afirmação e de sucesso profissional, condição na vida terrena para vida eterna. E isso funcionou, alcançou e motivou muitos homens para a vida de negócios, garantindo assim a profusão e o futuro do capitalismo. Max Weber ressaltou que este “discurso religioso” se fez favorável por admitir moralmente que “Na ordem econômica moderna, o ganho de dinheiro – contanto que se dê de forma legal – é o resultado e a expressão da habilidade na profissão[...]”. (WEBER, 2004, p.47).

Max Weber também apreende que esse ‘espírito de trabalho’ exigia dos sujeitos uma qualificação. Exigia que estes fossem especialistas ou aptos para o trabalho. Para lidar com maquinários, com atenção e iniciativa quando em meio ao processo de produção, fez surgir a necessidade da educação para o trabalho. O trabalho exigia uma qualificação, uma disposição que não era natural nos sujeitos. Não adiantava disposição natural, vontade própria, como diz Max Weber: “tampouco pode ser suscitada diretamente, seja por salários altos, seja por salários baixos, só podendo ser produto de um longo processo educativo.” (WEBER, 2004, p.54).

Segundo o descrito em “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, as mulheres alemãs que não professavam o protestantismo também não adquiriam habilidades e domínios profissionais, justificava-se a falta de vontade de abandonar o trabalho tradicional. (WEBER, 2004). Negavam-se às novas formas de assimilar as funções e as formas de trabalho vigentes, tão pouco concentrar seu intelecto e fazer uso dele. Diferente dessas eram as moças de educação e prática religiosa – pietistas¹² - apresentavam o “*espírito de trabalho*” como vital em sua vida terrena.

¹² Adeptos do Pietismo. Pietismo é o movimento de intensificação da fé cristã nascidos no seio do luteranismo, na segunda metade do século XVII, liderado por P.J.Spener (1635-1705) e A. H. Francke (1663-1705). O mais conhecido dos escritos de Spener, *Pia desideria* (1675), foi aquele que acabou

Max Weber descreve que se encontrava nas mulheres praticantes do protestantismo pietista:

[...] a capacidade de concentração mental bem como a atitude absolutamente central de sentir-se 'no dever de trabalhar' encontram-se aqui associadas com particular freqüência a um rigoroso espírito de poupança que calcula o ganho e seu montante geral, a um severo domínio de si e uma sobriedade que elevam de maneira excepcional a produtividade.(WEBER, 2004, p.55).

Os elementos descritos acima começaram a ser destacados como características exemplares em um trabalhador, pois estas geravam lucros aos empregadores ao conseguirem melhores resultados na produção. Após isso, as formas de conduta e emprego de força nas fábricas tornaram-se requeridas, instituíram-se novos modos de atenção e de resolução mediante as atividades a serem desempenhadas.

Outro modo de vida também começou a ser requisitado, pois foi percebido que o das moças de educação pietista as levava a ter um domínio sobre si e uma sobriedade. Isso as afastava de fadigas e indisposições, dando-lhes maior disposição ao trabalho. Fazia com que as trabalhadoras se dedicassem e tivessem melhor desempenho. A vida sem vícios ou recreações incentiva a dedicação ao “dever do trabalho”. A disciplina da educação pietista condicionava para a moderação em toda conduta de vida.

A aplicação da disciplina, apresentada no parágrafo acima, foi entendida posteriormente como uma capacidade que pode ser apropriada através de uma determinada ação educativa. Por isso, a ação educativa deu ênfase a sua condução segundo especificidades e necessidade de êxito no trabalho.

A educação formulada providenciou uma disciplina que se destinou a capacitar os sujeitos a uma ação produtiva moderna. Criticamente, atentamos que isso ainda é o parecer atual, ou seja, a ideia de que para uma produção positiva é dando uma designia aos adeptos do pietismo, O pensamento integral dos pietistas era contrário ao dogmatismo intelectualista dos teólogos e da ortodoxia doutrinária da Igreja oficial, o pietismo valorizava uma religiosidade prática de caráter íntimo e fervoroso. Mais que a teologia, importava a “piedade cristã”: uma conduta de vida centrada na experiência da fé, sentida mais do que pensada, aliada a mais rigorosa conduta moral.(Glossário de Antônio Flávio Pierucci, In: WEBER, 2004, p.287)

exigida uma disciplina, uma acomodação nas disposições do espírito dos sujeitos. (GHIGGI, 2002).

A evolução e o sucesso do capitalismo (mais precisamente o maior poder de produtividade) foram promovidos pelo discurso religioso, que operava diretamente nos sentidos dos sujeitos, ou seja, uma disciplina da adequação. Então, para Max Weber “[...] a forma capitalista de uma economia e o espírito com o qual é conduzida em geral guardam entre si uma relação de ‘adequação’[...]” e “[...] a empresa capitalista, por sua vez, encontrou nela a força motriz espiritual mais adequada.” (WEBER, 2004, p.57).

Encontramos, assim, na modernidade, o discurso religioso ainda marcando e predominando as ações de coletivos confessionais da fé cristã, bem como outros sujeitos alcançados pelo co-dependência laboral. O discurso religioso formaliza uma disciplina que é apropriada pelas empresas, para o melhor uso das forças produtivas dos sujeitos.

2.3 As características da disciplina externa e interna do “discurso religioso” na modernidade

No sub-capítulo anterior foi possível encontrar alguns saberes que nos mostraram como na modernidade o “discurso religioso” afirmou uma determinada disciplina. Porém, é notório perceber, por meio de Max Weber, em sua obra “*Ensaio de Sociologia*”, a descrição de como ainda se efetivava a disciplina pelo discurso religioso medieval. O autor descreve através de três elementos essa efetivação, declarando que:

A disciplina da Igreja Medieval, como a da luterana, foi primeiro colocada nas mãos do detentor do cargo ministerial;segundo, essa disciplina funcionou na medida em que foi efetiva - através de meios autoritários; e, terceiro punia e recompensava atos individuais concretos. (WEBER, 2002, p.224).

Nos escritos “Ensaio de Sociologia”, Weber apresenta a regulação da disciplina da confissão católica medieval como efeito perdurador e que ainda existiam na modernidade resquícios dessa ação introjetada ou subjetivada pelo catolicismo. Segundo Max Weber:

Acima de tudo, as recompensas sociais, os meios da disciplina, em geral, toda a base orgânica do sectarismo protestante com todas ramificações remontam a esse início. Os remanescentes, na América contemporânea, são os derivativos de uma regulamentação religiosa de vida que outrora vigorou com penetrante eficiência. (WEBER, 2002, p.219-220).

Como exemplo da citação anterior, podemos destacar uma das formas pelas quais perdurou a disciplina do discurso religioso católico medieval para o discurso religioso do protestantismo moderno. A excomunhão era uma pena aplicada que excluía o fiel da Igreja de participar de toda e qualquer celebração de comunhão, como a ceia. Essa ação era uma forma de disciplina de efeito moral, de um exercício de força externa por regulação, por parte do poder eclesiástico da comunidade.

A disciplina por meio de exclusão e afastamento- a excomunhão,- observada e aplicada segundo o exame dos presbíteros e anciãos do conselho das comunidades religiosas, possuía a característica da ação punitiva e corretiva. Max Weber descreve que mulheres que eram denunciadas por questões mínimas, as querelas, eram consideradas como merecedoras de disciplina punitiva por ser atos de natureza condenáveis. Se uma mulher era pega em flagrante de calúnia contra alguém, sujeitava-se a ser disciplinada com a exclusão do corpo da Igreja; isso levava ao afastamento da participação da santa ceia e também de outros eventos. (WEBER, 2002).

Também, todo homem que obtivesse uma condenação, sendo um réprobo, não podia participar das atividades econômicas por estar em comunhão com a igreja

e com Deus. Questões morais regiam o estar ou não participando e gozando do convívio da congregação e do sistema econômico. Essas mesmas questões regiam os julgamentos, segundo elas, devia ser excluído e punido a qualquer momento aquele que apresentasse uma falha em seu comportamento moral. (WEBER, 2002).

A disciplina influenciava, através do ensino teórico e oficial, na observação das práticas punitiva e corretiva, moral e econômica, promovidas pelos clérigos. Outra influência era o temor e a insegurança dessas disciplinas externas, insuflando nos sujeitos a idéia da necessidade de permanecer ligado à ordem da religião professada, a fim de estarem intactos da ação disciplinar externa.

Max Weber ajuda-nos a compreender melhor o temor da questão da disciplina externa aplicada ao descrever como uma comunidade religiosa entendia e aplicava a disciplina nos âmbitos da igreja. Segundo ele:

Para Meno, uma 'igreja visível' existia somente quando a disciplina da Igreja existia. A excomunhão devida a má conduta ou a um casamento misto era um elemento auto-compreendido dessa disciplina.(WEBER, 2002, p.316).

Entende-se, assim, que os membros da Igreja percebiam seu comprometimento como parte visível da Igreja através da aplicação da disciplina externa.

Os novos cristãos, ou cristãos reformados, também adotavam medidas do controle de sua vida em diários de conduta, nos quais eles descreviam seus erros e acertos. Essa forma de controle, de ordem íntima e autônoma, fazia com que esses novos cristãos (reformados) não dependessem de supervisão dos dirigentes ou superiores de ordem espiritual, como era realizado na ordem monástica católica. Os cristãos reformados controlariam, enfim, seu estado de graça.

Seus comportamentos inadequados, de intenções ou de erro pecaminoso, eram descritos em apontamentos e/ou marcados em tabelas. Max Weber entendeu esse controle como a disciplina interna na qual era:

[...] antes [algo totalmente diverso:] rastrear [aqueles] estímulos psicológicos [criados pela fé religiosa e pela prática de um viver religioso] que davam a direção da conduta de vida que mantinham o indivíduo ligado nela.(WEBER, 2004, p.89).

Esse controle, que começava a agir sobre a alma dos indivíduos, tinha origem em um tipo de mecanismo de controle pela *psiqué*. Sua ação era originária do discurso religioso, na insistência do zelo, da vigia constante de si próprio, uma ação educativa de controle e manutenção.

A intenção do instrumento descrito era a de capacitar os sujeitos a um autocontrole de sua vida espiritual sobre a vida material cotidiana e, também, a execução própria de ações que levassem a remissão e ao perdão da culpa dos atos pecaminosos. Assim, as ações indisciplinadas seriam corrigidas por sua intimidade, que passava então a se relacionar diretamente com Deus, sem intermédio de outra autoridade espiritual ou moral. Isso também dava uma sensação de liberação do jugo humano.

Em determinado trecho da obra de Max Weber é relatada a aplicação de uma ferramenta de controle, que anteriormente pertencia à ordem monástica e que naquela situação passava à mão dos indivíduos reformados, confessores do protestantismo que nomeavam o modelo como contabilidade sinóptica. Segundo Max Weber, verifica-se a existência de tal ferramenta de controle na descrição:

É certo que o diário íntimo religioso no qual eram registrados por extenso ou mesmo em forma de tabelas os pecados, as tentações e progressos feitos na graça era comum à *devotio moderna* católica (nomeadamente na França), criada em primeiro lugar pelos jesuítas, e à espiritualidade dos círculos mais zelosos da Igreja reformada. [...] um exemplo clássico é dado pela contabilidade sinóptica de Benjamin Franklin trazendo em tabelas as estatísticas de seus progressos em cada uma das virtudes. (WEBER,2004,113).

Então cada indivíduo passa a ser o próprio controlador e orientador de seus atos. Isso, incentivado pela ideia de que a contabilidade sinóptica trazia direcionamento e também os estímulos necessários a correções quando verificado através da análise própria dos atos, sem a necessidade ou dependência de outro indivíduo. Essa ferramenta era um controle ativo e subjetivo, introjetado no íntimo e projetado no cotidiano do cristão reformado. Max Weber (2004, p.113) constata que “com a ajuda do diário o cristão reformado ‘tomava o pulso’ de si mesmo.”

Porém, com todo esse controle sobre as condutas sendo assinaladas em tabelas ou descritas as faltas cometidas –pecados secretos- em anotações nos diários, não impediu comportamentos disformes de alguns adeptos às regras eclesiais da religião reformada. Nota-se que entre duas vertentes da confissão reformada existia clara diferença por comportamentos impróprios. Inapropriados para quem desejava uma vida pura e separada dos aspectos mundanos. Isso é denotado pelo fato visto de que:

Notória é a diferença, e tão impactante para as pessoas de época, entre o padrão ético das correntes reais calvinistas e o das luteranas, tantas vezes mergulhadas em farra e bebedeira. (WEBER, 2004, p.116).

Então, devido aos desvios de comportamentos não aceitáveis nas comunidades religiosas, o discurso religioso originou uma nova forma de atingir a excelência da vida religiosa no plano terrestre. Para dar conta de sua doutrinação era necessário “o estímulo psicológico para a sistematização da conduta de vida, sua racionalização metódica.” E, segundo Weber, esse encorajamento psicológico demarcava a condição do “caráter ascético de uma espiritualidade” (WEBER, 2004, p.116), ou seja, a condição para alcançar a perfeição moral e o domínio de si.

A espiritualidade, a ação sistêmica e racional que se desenvolvia na forma de vida intramundana, a *ascese intramundana*¹³ diferenciava os “espirituais” daqueles que estavam sobre domínio das sujeições carnis mundanas. Mas para isso era preciso ter um controle austero e disciplinado do próprio corpo, que só era possível “através da evitação metódica do sono, da comida, da bebida, da fala, da gratificação sexual e de outros tantos prazeres deste mundo.” (WEBER, 2004, p.280).

O agir conforme a “vontade de Deus” era pensado com relação ao dever ser movido por uma ação produtiva, o que era incompatível com o ócio e o prazer. Levava esse pensar a uma disciplina que iria organizar e delimitar o tempo pela regulação do sono e da produtividade dos sujeitos. Max Weber sinaliza isso ao descrever que para o discurso religioso “a perda de tempo é, assim, o princípio mais grave de todos os pecados.” (WEBER, 2004, p.143). Os fiéis são também exortados (chamados à atenção através da correção verbal disciplinar das pregações) “ao trabalho duro e continuado, tanto faz se corporal ou intelectual.” (WEBER, 2004, p.144).

Para o corpo também se versava uma disciplina sexual, a *ascese sexual*, em que “no casamento o intercuro sexual só é lícito porque é o meio desejado por Deus para multiplicar sua glória na forma do mandamento: ‘sede fecundos, mutiplicai-vos’{Gn.1,28}”(WEBER, 2004, p.144) e assim se mantinha um ciclo do discurso religioso, que alcançava até mesmo a reprodução humana.

As questões do desgaste físico¹⁴ aparecem no discurso religioso em conformidade a uma disciplina do corpo, a qual orientava as disposições, direcionando o pensamento para aversão à descontração e à descarga de impulsos indisciplinados. Com isso, afirmavam que a ação de jogar e apostar traziam à alma do homem uma fissura da decadência, da perda do tempo que deveria ser produtivo, da disposição física e também econômica.

¹³ Weber distingue dois tipos principais de *ascese*: a *ascese do monge*, que se pratica “fora do mundo”, chamada “*extramundana*”, e a *ascese do protestante puritano*, que é “*intramundana*” e faz do trabalho diário e metódico um dever religioso, a melhor forma de cumprir, “no meio do mundo”, a vontade de Deus. (Glossário de Antônio Flávio Pierucci, In: WEBER, 2004, p.280).

¹⁴ Era considerado desgaste físico os jogos e disputas calcados em apostas, como também as recreações e danças em salões. (WEBER, 2002)

As atividades de descontração só eram permitidas se o sujeito não tivesse que pagar. Também deveriam ser analisadas as atividades que levassem ao desgaste físico por uso de seu corpo e tempo indevidos, pois o corpo era dedicado ao serviço. Para trabalhar a força, a concentração, as disposições necessárias precisavam estar os indivíduos prontos e aptos ao trabalho. E ainda, nos escritos de Max Weber, encontra-se a prerrogativa de que a descontração só poderia ser consentida se não fosse causadora de vício econômico, como as que não levasse a perda, o não ganho com jogatinas. Então, condenável tornava-se a ação de prazer e descontração, como, por exemplo, ir a salões de baile e tabernas. A ascese racional vigiava detalhadamente e era contrária a ações culturais dessa natureza.

Também regulava os indivíduos os aspectos de sua aparência, no vestir e na indumentária. A ascese racional regravava que as vestimentas e as ornamentações precisavam apresentar características que denotassem quem as usasse como pessoas separadas do comportamento mundano. Era prescrito que, pelos trajés, deveriam ser percebidas a austeridade e a simplicidade do sujeito comprometido com o “outro mundo”. (WEBER, 2004, p.152-155).

Com toda essa regulação de modos de vida feita pelo discurso religioso, a qualidade de mão de obra tornava-se superior. Para os proprietários de fábricas e negociantes, o discurso religioso era aquele que “[...] punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos, extraordinariamente eficientes e aferrados ao trabalho como se finalidade de sua vida [...]”.(WEBER, 2004, p.161).

Outra forma de disciplina contida no discurso religioso é o *silêncio*. Esse ato de silenciar ou calar constituía-se num ato de contemplação e audição da vontade e do domínio de Deus em sua vida. O que era esperado, ao ficar calado e em espera perseverante, é que assim Deus se manifestaria. Uma ação disciplinar cautelar, para que os sujeitos não fossem apressados ou aludidos pelo seu próprio falar, e a implicação de que não fosse tardio ao falar ocasionasse situações constrangedoras ou inapropriadas para um temente a Deus. Por esta espera comunicativa Max Weber descreveu o pensamento que justificava:

[...] por isso ele deve calar-se, a fim de criar na alma silêncio profundo [...] passou a ter claramente o sentido do educar para uma ponderação serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência individual [...] (WEBER, 2004, p.135).

O discurso religioso fomentou ferramentas disciplinares pautadas nas ideias de aprovação e santificação, o *silêncio* se tornou o produto do mandamento e ameaça bíblica de punir toda a palavra vã. (WEBER, 2004, p. 249). Era, por isso, desejável o *silêncio* por parte dos indivíduos e devido ao poder de introspecção que tal atitude proporcionava ao se calar, pois o homem evitava o escândalo. Entre os motivos de escândalo, entre eles o de maior preocupação era o financeiro.

O silêncio era preferível em vez da “conversa mole”(2004,p.249), visto que esta última era o sinal de ócio e de perda de tempo o mais grave dos pecados. Tal ferramenta disciplinar foi considerada por Max Weber como “[...] um comprovado meio ascético de educação ao controle de si,[...]”. (2004, p.249).

A ascese¹⁵ religiosa – uma disciplina clara e objetiva - dava condições de cada indivíduo manter-se dentro dos limites da correção formal, por isso uma destacada produtividade, considerada positiva no capitalismo na modernidade, encontrada nos que eram sob ela educados. Surge toda a configuração de disciplina, bem empregada pelo discurso religioso na modernidade e ela terá sua aplicação, em âmbito educativo, na emergente escola fabril, da qual traremos a seguir. Isso na intenção de percebermos como as regras de vida – sua disciplina- do discurso religioso alcançou e se estabeleceu na escola.

Mas, como a escola na modernidade implementou a disciplina no discurso escolar? Quais as formas de disciplina do discurso religioso reproduziram disciplinas na escola moderna?

Nessa investigação verificou-se e detectou-se, através do construto intelectual, o apontamento da implementação da disciplina no discurso escolar e as

¹⁵ Regra de vida orientada pela renúncia voluntária aos prazeres sensíveis, tendo em vista a obtenção da perfeição moral e o desabrochamento espiritual. (ANTUNES,ESTANQUEIRO &VIDIGAL, 2000,p.28)

características do discurso, a gênese reprodutora, das disciplinas na escola moderna. Na continuidade deste texto serão apresentadas tais detecções.

3. OS SABERES E AS PRÁTICAS DISCIPLINARES DA ESCOLA NA MODERNIDADE E NA ATUALIDADE

Foi apresentado até o momento as ações disciplinares encontradas no discurso religioso na modernidade, descritas minuciosamente por Max Weber. Os elementos encontrados são considerados como indicadores diretos às categorias de análise do estudo.

Por meio de textos dissertativos de Michel Foucault, autor contemporâneo que pesquisou e escreveu sobre a disciplina na modernidade, conseguiu-se caracterizar claramente a efetivação da disciplina do discurso religioso no discurso escolar. Esse autor, em nada desqualifica o texto de Max Weber, ao contrário, apresenta um vínculo estreito quanto às ideias e ao pensamento weberiano no que diz respeito à modernidade e ao desencantamento.

Neste capítulo apresenta-se o que constituiu como essência da disciplina, do século XVII até início do século XIX, na Inglaterra e na França. Para isso utiliza-se como colaborador Michel Foucault , em especial o escrito “Vigiar e Punir: nascimento da prisão”, traduzido por Raquel Ramallete, com primeira edição no ano de 1987.

A partir das leituras dos textos de Foucault, é possível afirmar que desde os primórdios a questão disciplinar sempre existiu. Porém, sua melhor instrumentação ocorreu quando objetivos de padronização e referência social foram clarificados. Então a disciplina como uma forma de manter padrões e referências sociais, imprimia seu poder através de regras que faziam a manutenção de um significativo controle e apurada organização do coletivo.

O controle e a organização se efetivavam nos coletivos da família, do clã, das comunidades ou dos sistemas de produção. Contudo, a disciplina, segundo Foucault, necessita de lócus para sua ampla efetivação, um lócus individual para o meio social seja ele qual fosse. Assim, encontrou nos corpos dos indivíduos o lócus perfeito para sua existência. Ressalta o autor que durante a época clássica a atenção sobre o corpo se intensifica. Percebe-se que “[...] corpo que se manipula, se

modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil, cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 2007, p.117).

O exercício perceptivo, através da atenção, e o desvelamento do corpo que se educa, garantiu um melhor conhecimento e domínio sobre os indivíduos. Muitos dos que eram direcionados a espaços como conventos, exércitos e oficinas recebiam treinamentos específicos, a disciplina, para determinados fins.

Nas obras de Foucault pouco se apresenta da questão escolar. Mas, o mínimo que se apresenta com respeito à escola, faz-se mencionando as questões disciplinares e seus aplicativos para com os indivíduos inseridos nesse espaço. Apresenta-se, na continuidade, as características necessárias à compreensão de como foi transposta a disciplina do discurso religioso para a escola.

3.1 A organização escolar nas modalidades intelectual e fabril: a disciplina instalada na modernidade

No início do século XIX, uma escola chamada de escola mútua foi organizada e promulgada por donos de fábricas. Essa escola tinha como característica ser ao mesmo tempo fabril e elementar. Fabril enquanto preparava seus alunos para o manejo de máquinas e para a execução de tarefas do trabalho. Elementar, enquanto ensina ao trabalhador os rudimentos da escrita e leitura bem como a prontidão em receber ordens e estar adaptado ao espaço designado.

A modalidade fabril/elementar foi promovida mediante a necessidade econômica dos empresários da indústria fabril. Quando nas fábricas, ao tentar se utilizar a mão de obra das populações rurais, viu-se que era necessário primeiro educá-los para o trabalho e acostumá-los ao trabalho nas oficinas. Assim, aqueles que vinham do meio rural eram educados em “fábricas-conventos” como também se chamavam algumas das escolas mútua.

Constata-se que os planos e formalizações para esse modelo de escola foram transferidos do modelo de educação dos conventos, aplicados de forma pura e, em alguns momentos, alterados em outros, devido aos fins estipulados pelos proprietários das fábricas e seus empreendedores. (FOUCAULT , 2007).

Esse modelo de escola implementou esquemas de controle e regulamentação de horários por tempos de ação dos sujeitos. Planificaram os esquemas da seguinte forma: regulamentava o horário de chegada no local, seguido do controle de pontualidade dos sujeitos pela chamada, com posterior entrada no espaço educativo e realizadas as orações. Após as orações, as crianças ‘entravam nos bancos’ - o espaço de permanência. Em continuidade do processo de controle, as crianças realizavam o ditado da primeira lousa e após o da segunda lousa. Todo este quadro de controle dos tempos, na parte da escola que desenvolve o intelecto, reflete-se no trabalho das fábricas. (FOUCAULT, 2007, p. 128).

O “quadriculamento cerrado”, ou seja, de tempos delimitados para o trabalho intelectual e fabril-operário, procurava garantir a qualidade produtiva através da qualidade do tempo empregado nas atividades, qualidade conjugada pela rapidez, atenção e continuidade. E assim, para garantir a qualidade, mecanismos de controle foram forjados e tinham como elementos o “[...] controle interrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair; [...]. Tudo isso a fim [...] de constituir um tempo integralmente útil;[...]”. (FOUCAULT, 2007, p.128).

Para constituir esse tempo integralmente útil, foram prescritas várias regras no sistema fabril. Essas regras, proibições, na verdade, Foucault apresenta-nos a partir da obra de J.J. Marquet Wasselot¹⁶, do qual descreve o fragmento que diz:

É expressamente proibido durante o trabalho divertir os companheiros com gestos ou de outra maneira, fazer qualquer brincadeira, comer, dormir, contar histórias e comédias; [e mesmo durante a interrupção para a refeição], não será permitido contar histórias, aventuras ou outras conversações que distraiam os operários de seu trabalho; é expressamente proibido a qualquer

¹⁶ J.J. Marquet Wasselot, t.III, p.171.

operário, e sob qualquer pretexto que seja, introduzir vinho na fábrica e beber nas oficinas.(WASSELOT apud FOUCAUL, 2007, p.129).

A citação acima expressa claramente que os discursos organizaram uma série de prescrições que regulavam a vida nas fábricas. Essa organização, a disciplina pelo exercício de controle, exigia, em sua norma proibitiva, indivíduos com disposição integral dos seus sentidos para a produção. Uma disciplina assim “[...] produz, a partir dos corpos que controla[...] uma individualidade [...] em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada[...]” (FOUCAULT, 2007, p.141).

O percebido até agora é de uma disciplina que fez controle sobre os indivíduos através de suas atividades. Nas normas das atividades, o corpo vai sendo disciplinado por meio do controle que se faz do tempo em relação à execução e a produtividade almejadas. Então, Michel Foucault apresenta-nos a disciplina como um instrumento que determina ritmos, dispõe a compenetração nos gestos e regula o bom emprego das forças do próprio corpo. Entendemos, então, que a disciplina quando bem administrada:

[...] impõe a melhor relação entre o gesto e a atitude global do corpo, que é sua condição de eficácia e rapidez. [...]Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica – uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador.” (FOUCAULT, 2007, p.130)

Ainda encontramos no texto de Foucault, citando L’Atelier¹⁷, alguns detalhes do controle das atividades relativas à produção da escrita na escola no século XVIII. Na citação que segue, observamos a descrição detalhada da alfabetização, que é realizada com regras que exigiam diversas forças por parte do aluno. Entre elas:

[...] manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão, a menos que o alcance da vista não o permita; a perna esquerda deve ficar um pouco mais avançada que a direita, sob a mesa. Deve-se deixar uma distância de dois dedos entre o corpo e a mesa; pois não só se escreve com mais rapidez, mas nada é mais nocivo à saúde que contrair o hábito de apoiar o estômago contra a mesa; a parte do braço esquerdo, do cotovelo até a mão, deve ser colocada sobre a mesa. O

¹⁷ L’Atelier, 30º ano, nº 4, dez, 1842.

braço direito deve estar afastado do corpo cerca de três dedos, e sair aproximadamente cinco dedos da mesa, sobre a qual deve se apoiar ligeiramente. (L'ATELIER, apud FOUCAULT, 2007, p.130).

Percebemos no texto o detalhamento da postura corporal para a produção da escrita na escola. A partir dos detalhes da descrição, podemos averiguar uma norma para a atividade escrita. Michel Foucault salienta que essa norma se fazia numa correlação entre ensinar e aprender. O corpo e o gesto, a correlação entre bom uso do corpo e do tempo de uso, por meio de uma disciplina apropriada, garantiria a eficácia e a rapidez nas atividades em sala de aula, em especial, a boa caligrafia. Segundo Foucault, “No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil; tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto.”(FOUCAULT , 2007, p.130).

Foucault apresenta o corpo como canal captador e instrumento de meios disciplinares que a escola utiliza para intensificar o uso do tempo e, assim, o auge da produtividade. Dentre os meios, é possível detectar que alunos eram povoados de atividades ordenadas e dirigidas sob controle do tempo. O controle era complementado pela imposição de modos nas posturas dos corpos, o relaxamento das prescrições implicava em correções através de sinais e apitos, que comandavam a norma postural e temporal do corpo, sabendo que “O mestre ensinará aos escolares a postura que estes devem manter ao escrever, e a corrigirá seja por sinal seja de outra maneira, quando dela se afastarem.” (L'ATELIER, apud FOUCAULT , 2007, p.130).

Para Bérenger¹⁸, citado por Foucault, “[...] acostumar as crianças a executar rapidamente e bem as mesmas operações, diminuir tanto quanto possível pela celeridade a perda de tempo acarretada de uma operação a outra.”(BÉRENGER apud FOUCAULT , 2007, p.131). O autor ressalta que as regras impostas pelos mestres tinham uma única finalidade: padronizar ações que empreendessem tempo e qualidade contínuas.

¹⁸ Bérenger, **Rapport à l'Académie des sciences morales**, junho de 1836.

Percebe-se, assim, que todas as ações de treino e hábitos construíram uma nova ideia e um novo modelo de corpo. Um corpo útil, chamado por ele de corpo dócil, por ser alvo dos mecanismos do poder e que apresentava a eficácia da ação disciplinar sobre os sujeitos. O *corpo dócil* foi fabricado a partir de uma série de regras e práticas que se instituíram por meio de um pensamento religioso, que foi transferido de seu espaço original, o convento, para um outro, a escola. Isso ressalta que o discurso religioso continuou propagando regras de vida na escola a partir de seu modelo e prática disciplinar.

3.2 Apresentando alguns autores e a percepção da disciplina da escola atual e as várias interpretações para tais

Vivemos num momento de apreensão por parte da escola quanto aos comportamentos dos jovens estudantes, considerados como indisciplinados. Em pesquisas recentes, é possível também registrar grande inquietação e preocupação quanto à forma de usar a disciplina com os alunos. Com isso, vários questionamentos são feitos pelos professores e representantes de várias escolas. (VASCONCELLOS, 2005).

O escritor e pesquisador sobre disciplina e indisciplina escolar, Celso Vasconcellos, numa pesquisa junto ao ambiente escolar, coletou alguns questionamentos de professores, que nos ajudam a perceber mais claramente apreensão a que estamos nos referindo. Segundo ele, os professores ainda interpelam se “Será que com mais rigidez conseguiremos uma disciplina melhor? Como ‘reprimir’ ações não aceitáveis sem que haja crises entre o professor x o aluno? O que é mesmo disciplina? Como disciplinar sem causar conflitos? [...]”. (VASCONCELLOS, 2005, p.33).

As questões acima nos ajudam a constituir a apresentação não somente da inquietação já levantada, mas da necessidade apresentada por professores e que, atualmente faz com que todos os esforços em torno da temática da indisciplina convirjam a necessária investigação quanto à disciplina encontrada nos saberes e práticas dos professores na escola. Por isso, precisa-se saber responder a pergunta emergente: O que se entende por disciplina no discurso escolar?

Em busca de um embasamento crítico que nos orientasse na tarefa de não só responder a pertinente indagação conceituando a disciplina, mas que por uma análise filosófica nos ajudasse a identificar como ela é descrita e pensada, buscou-se no texto *“Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais”*, de José Sérgio Fonseca de Carvalho, o sentido de disciplina para os professores.

E, quanto à disciplina o autor salienta que:

Sua raiz encontra-se na idéia de uma submissão do aprendiz às regras e estruturas do que pretende aprender ou à autoridade do mestre, como aquele que inicia o discípulo em uma arte ou área de conhecimento. (CARVALHO, In: AQUINO, 1996, p.132).

Em uma pesquisa realizada por Tânia Ramos Fortuna¹⁹, a escola define claramente a indisciplina respondendo o que seja ela. O conhecimento gerado por esta pesquisa ajuda-nos, em contrapartida, a pensar o que seja para o professor a disciplina. A autora nos diz que:

Podemos resumir que a indisciplina escolar foi definida, de um modo geral, como ausência ou negação de um comportamento desejável. A maioria das respostas acusa ‘falta de algo’ nos alunos com problemas disciplinares: falta de limites, falta de atenção, falta de organização do material, falta do material, falta de higiene, falta de respeito às regras, aos valores, aos colegas e aos professores. [...] alunos são descritos como quem ‘não respeita regras e combinações, não atende ordens, não tolera frustrações, não consegue se conter, não respeita o patrimônio. [...] falta de pontualidade, de assiduidade’, [...]. (FORTUNA, In: XAVIER, 2006, p.88).

¹⁹ No ano de 1998 a autora citada realizou uma pesquisa na qual estão inseridos dados gerados junto a professores e descritos no texto “Indisciplina na Escola: da compreensão à intervenção”, apresentado no livro organizado por Maria Luisa Xavier. XAVIER, M.L. *Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

Então, a disciplina do discurso escolar é aquela que acrescenta no aluno algo, pois ela é a disposição às regras estipuladas. Ela organiza ações que atendem necessidades e anseios de seus mantenedores, que é capacitar o alunado a ter comportamentos desejáveis, como: atenção, organização, respeito, valores e autodomínio.

Através dos dados da pesquisadora citada anteriormente, caracteriza-se um resultado positivo da disciplina, ou seja, o seu fim por meio de ações consideradas como de aparência do comportamento desejável. Segundo ela, são aqueles comportamentos em que se apresentam apropriações, como: limites, atenção (que se qualifica em auditiva, em interesse e no próprio desenrolar da aula)²⁰, organização do material e sua apresentação, higiene, respeito a regras estipuladas, aos valores, aos colegas e aos professores. (FORTUNA, In: XAVIER, 2006).

Conjuntamente, apresenta-se como parte da disciplina descrita por Fortuna, o respeito às combinações, que não são regras instituídas para um sempre contínuo, mas por um momento ou ocasião. Também deste modo o atender a ordens, o tolerar frustrações, o conter-se, o ter pontualidade e assiduidade. Fortuna descreve que “Uma professora empregou termos como ‘falta de pontualidade’, ‘assiduidade’, ‘higiene’ para conceituar indisciplina escolar.”(FORTUNA, in: XAVIER, 2006, p.88).

Para Tânia Ramos Fortuna, na atualidade percebe-se que alguns professores assinalam características que segundo eles são pertencentes à disciplina ou a indisciplina, construindo modelos em seus ideários pedagógicos. A autora descreve que:

²⁰ A autora continua trabalhando os itens descritos, clarificando seus sentidos, no seguimento do texto citado.

[...] uma professora diz que 'disciplina e indisciplina são conceitos ligados a comportamento, que lembram estímulo-resposta, em que uma pessoa com poderes dita normas e as outras obedecem e se não obedecem são indisciplinadas,[...]. (FORTUNA, In: XAVIER,2006, p.89-90).

Nos ideários dos professores, e assim procede no discurso escolar, a norma se faz pelo estímulo psicológico e requer uma resposta que é notada como obediência, pois ela corresponde à necessidade de sua concretização, ou seja, da própria norma "ditada" como ordem e ação. Encontramos então, outro instrumento da disciplina, que é o *estímulo psicológico*. Esse estímulo requer uma internalização e uma obediência por parte dos sujeitos nos quais ele é aplicado, já que ele se apresenta em sua formulação como uma pretensa resposta ou ideia de ação correspondente, ou seja, um estímulo a serviço da disciplina.

Mas é interessante perceber nos ideários pedagógicos de professores, uma determinada descrença quanto aos efeitos da própria disciplina aplicada, mesmo assim, percebe-se a insistência em realizar práticas disciplinares. Realiza-se assim, uma ação após a outra, em busca de que estas venham a sanar os problemas de controle que zelam pela normalidade e harmonia no espaço educativo. Segundo Nelson Pedro-Silva,

Os professores chegam, até mesmo, a dizer: 'já fiz tudo o que era possível, isto é, conversei com os alunos e com seus pais, dei suspensão, apliquei pontos negativos, mudei a metodologia de ensino, e as crianças e os adolescentes continuam indisciplinados e violentos'. "(PEDRO-SILVA, In: LA TAILLE, 2006, p.57).

Da citação anterior extraímos três elementos que são entendidos como práticas disciplinares. Um deles é a conversa com responsáveis e alunos, que são mais comumente conhecidas como "chamada a atenção". Segundo Annie Rehbein de Acevedo, precisa-se ter cuidado ao manter certas verbalizações, pois ao invés de surtir efeito curativo dos problemas, tornam-se *cantilenas*, pois repete-se o que os sujeitos perceptivelmente já sabem com respeito ao comportamento desejável e,

certamente, o que já se falou outras vezes, em outros espaços e por outros motivos. Essas conversas, as *cantilenas*, também podem se tornar um instrumento de *repreensão*. Ela é feita assim com autoritarismo, porque se quer manter o controle de “súditos”. (ACEVEDO, 2005).

Outro elemento apresentado na citação é a *suspensão*. Esse ato é caracterizado pelo afastamento do sujeito por determinado tempo, a fim de que o mesmo recobre ou tome a postura desejada pela escola. A suspensão também funciona como uma demonstração e exemplo de poder disciplinar para o coletivo. Isso ocorre porque o sujeito percebe, assim, pelo exemplo, que atos fora da norma estão passíveis também de serem apresentados para o coletivo, o que para alguns gera desconforto. Também faz com que se calcule a perda das atividades de sala de aula, fazendo com que o sujeito, após retornar a ter acesso e frequência às aulas, tenha que recuperar o que foi perdido durante o período de *afastamento*.

E por fim, um outro elemento disciplinar apresentado na citação é a *aplicação de pontos negativos*, ou seja, a nota com descontos no término de avaliações dos trabalhos e atividades. O sujeito recebe menos por seu trabalho. Ele é repreendido, disciplinado pela negação de parte da nota mesmo que o seu trabalho tenha atingido êxito no que tange a valores.

Através do outro texto, de título “*Os Primeiros Estudos*”, de Barbosa e Xavier, captura-se uma outra ferramenta da disciplina, que é o estímulo psicológico para a internalização das regras e normas. As autoras, primeiramente, salientam a ideia de que para uma nova formulação de educação é preciso uma disciplina de controle individual. Esse controle interno dos sujeitos necessita que os mesmos aceitem a regulação e desenvolvam a predisposição para a mesma. À partir disso, podemos acrescentar em nosso conhecimento a regulação e predisposição interna dos sujeitos, e que também é nomeada como a *auto-disciplina*.

As pesquisadoras Barbosa e Xavier, afirmam que para ocorrer um novo processo de compreensão da educação não podemos esquecer que “[...] todo processo envolve o desenvolvimento de auto-disciplina: é preciso fazer aquilo que posso, o que devo e o que preciso fazer”. (BARBOSA & XAVIER, In: XAVIER, 2006,

p.28-29).²¹ A autodisciplina é também defendida como a via possível de novos rumos para a educação, e a situação problemática que se faz na educação atual, ideando o reverso da compreensão da indisciplina escolar.

A autodisciplina, o controle individual das ações, também pode ser compreendida como uma *disciplina positiva*. Positiva porque, através da subjetividade, ela é capaz de mover os sujeitos a um melhor desempenho. Xavier reafirma isso nas palavras de Michel Foucault ao citá-lo,

Sujeitos que controlam a si mesmos em espaços e tempos por eles mesmos determinados ou apreendidos, parecem ser mais independentes eficazes e eficientes. Eis o disciplinamento positivo moderno (capaz de) (...) fazer funcionar a máquina tecnopolítica moderna.”(FOUCAULT, apud XAVIER, 2006, p.29).

Já para Sônia A. Moreira França, a disciplina no trabalho de si mesmo faz atendimento às questões éticas, políticas, econômicas e sociais. Vejamos assim, o que França nos indica como comportamentos disciplinados e também a sua relevância quanto às questões éticas e políticas. Segundo ela,

[...] comportar-se com decoro implica, necessariamente, decisões éticas e políticas, ou seja, um trabalho sobre si mesmo que é, ao mesmo tempo uma análise histórica dos limites que o mundo apresenta e experimentação das possibilidades de ultrapassá-los. (FRANÇA, In: AQUINO, 1996, p.139).

Porém, a experimentação das possibilidades de se ultrapassar limites tem sido negativamente apropriada, uma desconstrução da necessidade dos princípios éticos e políticos. A partir de Aquino Groppa (1996), encontra-se que a fala do discurso escolar atual é aquela em que a escola tem sido afetada com falta de ordem e respeito. Aquino Groppa (1996) ressalta que,

²¹Ao revisar o texto das autoras, constatou-se que a conceitualização de auto-disciplina das mesmas remete-nos ao imperativo categórico de Immanuel Kant. Lembrando então que o imperativo categórico de Kant sem dúvida é um dos principais paradigmas desse filósofo alemão por tratar das máximas universais. Mas, as autoras não fazem menção do acolhimento em sua obra do pensador ou de sua proposição. Nos reportamos para esta nota à bibliografia: Kant, Immanuel. “Fundamentação da metafísica dos costumes”. In *Textos selecionados*. São Paulo, Abril, 1994 (Col. Os Pensadores). p. 101-162.

Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito a figuras de autoridade etc. (AQUINO, 1996, p.40).

No texto de José Sérgio F. de Carvalho, *Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais*²², encontramos uma possível validação da disciplina, no que se refere ao produto que a sua ação oferta para a sociedade. Segundo a análise de Carvalho, a ação disciplinada garante antecipadamente uma força de trabalho, pois a mesma, reforça o sentido do saber-fazer. Mas interessante é que ela, a ação disciplinada, não tem claramente uma justificada regra, ou uma identificação de comportamentos de '*boa ordem*'.

Mas, é preciso compreender que a força de trabalho que dá rendimentos, a disciplinar, só é aplicada segundo os procedimentos que garantem um sucesso, mas nem sempre quer dizer que sejam pertencentes à moral, isto é, de uma '*boa ordem*' clara a todos. E, segundo Carvalho

[...] a ação disciplinada é freqüentemente um saber-fazer e não um saber proposicional;[...] Transferindo-se estas idéias para uma sala de aula, a disciplina não necessariamente precede de uma forma discursiva o trabalho, mas concretiza-se em um trabalho. Assim ela nem sempre implica a clareza de regras de comportamento apresentadas verbalmente, mas sempre implica clareza de meios e objetivos para um trabalho. (CARVALHO, In: AQUINO, 1996, p.134).

²²CARVALHO, J. S. F. Os sentidos da (in)disciplina : regras e métodos como práticas sociais. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 129-38.

Apreende-se que as regras compreendidas pelo discurso escolar são aquelas que garantem o sucesso do somatório de conhecimentos para as aprendizagens, ou seja, como efeito, o trabalho que é produtivo. (CARVALHO, In: AQUINO, 1996) Então, entende-se que o trabalho escolar produtivo envolve a ação disciplinar dos participantes, ou seja, do professor sobre os alunos. E, que para o discurso escolar só é possível êxito do conjunto ensinar-aprender quando a disciplina é parte do plano de ações educativas. E ainda, que segundo o discurso escolar também existem outras difusões da disciplina, quanto ao trabalho e à garantia de produtividade da sociedade externa à escola, que nem sempre estão de acordo com a moral.

Um exemplo do que foi dito acima são as verbalizações que inferiorizam um aluno e causam constrangimento (como caracterizá-lo como preguiçoso). Isso, que não é aceito pela sociedade como um ato moral e ético em sociedade, é realizado na escola a fim de disciplinar e elevar a produtividade do aluno.

Para encaminhar a verificação das formas de disciplina pensadas e praticadas na escola, destacam-se nos dois parágrafos a seguir, trechos de relatos dos resultados de pesquisas. Investigações essas, realizadas em Portugal, por Maria Teresa Estrela, e apresentadas em seu livro *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*.

Maria Estrela, traz em sua obra considerações quanto ao papel dos professores no discurso escolar e quanto à disciplina em que

Seja qual for a natureza dos fundamentos do sistema disciplinar admitidos por cada professor, é indubitável que ele exerce uma função de inculcação normativa, tornando-se assim veiculador de uma ética, de uma moral e de uma axiologia que fazem parte do currículo expresso e oculto da escola. (ESTRELA, 2002, p.128).

Estrela, por seus estudos, fornece-nos dados que servem para compor o que faltava ainda em nossa verificação de formas de ações disciplinares do discurso escolar. Ela nos diz que:

As regras do professor,[...] remetem para a exemplaridade da pessoa (dever de honestidade, lealdade, dar exemplo do cumprimento das regras, pontualidade, justiça, coerência), [...] disciplina que deve reinar na sala de aula (respeitar o professor (77,7%), não perturbar a aula (61,1%), estar atento (61,1%) [...] respeito pelos superiores, emulação, humilde, simplicidade, amor a pátria, competição, beleza;[...] regras referentes a hábitos sociais, como não comer na aula ou mascar pastilha elástica,[...] participar nas aulas (66,4%). (ESTRELA, 2002, p.129-130).

Então, com tudo isso, a nossa verificação acresce os ideários de respeito pelos superiores, remete ao respeito à hierarquia. Já a emulação, que é referida na citação, pode ser definida como exceder em virtude, ser humilde e ter simplicidade. Outro ideário interessante é a competição, a superação em coletivo a favor de ser melhor em tudo, tendo também a beleza como efeito prático da virtude. Já as regras de hábitos sociais, como não comer na aula ou mascar chiclete, e também, participar das aulas são claras para nós como itens de observância das normas de comportamento estético que se tornam regras disciplinares do discurso escolar.

3.3 A Escola Municipal Helena Small seus detalhes no processo investigativo

A escola que nos ajudaria a desvelar a problemática investigativa foi escolhida sob os critérios de acesso, circulação e registros consentidos e por sua estrutura física, organizacional e pessoal. Destaca-se que a escola também tinha como escolha favorável devido a mesma ser considerada uma das escolas modelo do município de Rio Grande.

O primeiro local onde ficava sediada a escola pode ser descrito como um espaço que devido a crescente demanda de matrículas precisou ser repensado em sua estrutura e capacidade, sendo ampliado com reformas e a construção de um prédio de dois andares em anexo à área construída já existente. Localizado ao lado da Igreja Luterana da Rua Barão de Cotegipe, a escola iniciou suas atividades tendo como mantenedora esta Igreja. Sua história é repleta de altos e baixos financeiros quanto a sua manutenção, que por, devido a essas dificuldades, foi encampada pela rede municipal. ■

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Helena Small, atualmente está localizada na mesma rua que o primeiro local, no centro da cidade, suas dependências foram construídas em uma área total de 5.658 m², tendo 62 dependências. Segundo os dados cedidos pela escola, os alunos possuem locais de uso comum, como as salas e outras dependências e o pátio externo, este último, com cerca de 2.300m². Com restrição aos alunos estão os depósitos e o passivo (terceiro andar da escola).

Desde a sua fundação, são 48 anos de organização e funcionamento, que hoje, conta com 1.120 alunos sob sua tutela educativa, comportando até 2.000 alunos, capacidade que as novas instalações permitem.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Helena Small ainda se encontra em construção. Em seu regimento interno constam dois parágrafos que estipulam os deveres e os vetos direcionados aos alunos. A escola possui também alguns instrumentos de disciplina e regulação dos alunos, os quais serão apresentados na continuidade desta dissertação. Ao iniciar o ano letivo é feita uma reunião com os pais, cada sala de aula é visitada pela direção a qual esclarece e relembra as regras da escola para o alunado. A escola possui regras para sala de aula e para eventos fora da sede da escola. Mantém o controle sobre as ações indisciplinadas, registrando e tomando providencias punitivas como: suspensão e pedido de transferências dos alunos que não se ajustam às regras.

3.4 As mudanças e as novas necessidades no espaço e para os indivíduos

O trabalho de prevenção da escola tem sido organizado em torno de temas direcionados às questões de limites e disciplina das crianças e adolescentes na escola e fora dela. Para isso, a direção tem, desde o ano de 2006, chamado os pais ou responsáveis para reuniões realizadas num trabalho conjunto de profissionais que trabalham com a problemática. Também tem trabalhado da mesma forma com seus professores e alunado, promovendo encontros que ajudem a elucidar as temáticas em torno das questões de limite e disciplina.

A escola também, a cada semestre, faz reuniões ressaltando a disciplina estabelecida e necessária junto ao alunado. Um exemplo disso é a transcrição de um trecho da reunião que é apresentado em forma de relato. Ele foi tecido por um pai que nos descreve a reunião, de abertura dos trabalhos escolares no segundo semestre, com pais e responsáveis pelos alunos das turmas de 6ª série, ocorrida em 04 de agosto de 2007.

A diretora começou falando da falta de alguns pais e da importância dos mesmos nesta reunião visto que seus filhos estão envolvidos nos problemas de relacionamento em sala de aula e no interior e exterior da escola. Relatou os últimos incidentes na escola, sendo o mais grave uma gang organizada na frente da escola com alunos da escola que resolveram tirar satisfações com um grupo –gang da Escola B.A. O ocorrido envolveu alunos da escola Helena Small da sexta, sétima e oitava série os quais brigaram com correntes e outros com alunos -gang- do Bibiano. Salientou das ocorrências que são apresentadas na mídia com respeito aos alunos-gang do B. A. e que isto tem causado preocupação para a direção e coletivo da escola. A diretora também falou a respeito do uso de aparelhos e objetos de uso pessoal de “marca” na escola. Ocorreram assaltos na frente da escola, alunos foram roubados e não há como controlar tais problemas no externo. PMs fizeram por um período determinado a guarda na frente da escola, porém, não o fazem mais neste

momento. Salientou o uso do uniforme, e da política de não deixar entrar na escola sem uniforme a não se em caso justificado. Por fim começou a tecer o motivo principal da reunião que é devida aos últimos acontecimentos. Os alunos têm demonstrado total falta de limites. Os professores são agredidos verbalmente e também, em muitos casos, são totalmente ignorados tanto a sua presença como a sua orientação em sala de aula. Alguns alunos brigam dentro da sala de aula –batem boca- com outro colega e com professores. Não respeitam a ninguém, *é preciso a minha presença (diz a diretora) e também demonstram desprezo a minha fala.* As sextas séries tem se mostrado um tanto que avançadas este ano, também na questão dos limites – ou falta deles. As meninas mandam os meninos calarem a boca e vice versa.[...]. (04.08.2007 DIÁRIO REUNIÃO SÁBADO ÀS 9 HORAS DA MANHÃ).²³

O relato acima nos fornece um material substancioso, claro e descritivo quanto ao que se passa com a escola pesquisada. E, se quiséssemos apenas detectar os problemas que a escola, seu alunado, apresentaram no ano de 2007, ele nos seria já de grande valia. Mas, a sua valia está em que ela serve para destacar que escola mantém junto aos pais o chamamento para as questões disciplinares de seus filhos. Essa forma de aproximação, até então, só se dava em reuniões de pais para eventos ou simples entrega de notas, e esta última, em sala de aula junto ao professor.

Em outro momento, numa entrevista concedida pela diretora da escola, perguntamos se foi notada alguma mudança de comportamento após a mudança da escola para o novo prédio. Foi relatado pela direção que o alunado, ao chegar ao novo prédio, sede da escola, apresentou mudanças negativas e visíveis em seu comportamento. Em entrevista, a diretora nos relata que:

[...] nós viemos para cá o espaço é maior. Eles tem mais liberdade para andar e mais espaço que a gente não esteja. Naquele outro prédio eu te falo o quê... que era uma coisa bem pequeninha que eu saia da minha sala e enxergava todas as salas de aula. Hoje não, eu estou embaixo, as salas de aula são no segundo e terceiro piso. Eles ficam mais soltos assim. [...]Então eles não tem assim, *limites nenhum* dentro da escola. Não tem até que a gente começa a impor e ai dá confusão[...] Só que ainda não sei, não consigo entender ainda o quê que eles pensaram quando vieram para cá.

²³ Todos os trechos transcritos de entrevistas e respostas escritas nos questionários que fazem parte da pesquisa de base, respeitam o padrão descritivo da fala, não sendo feita a correção conforme o padrão da norma culta. Também, para mantermos o sigilo dispensado pelos participantes usaremos siglas de identificação.

Eles se enlouqueceram! Se enlouqueceram com o tamanho da escola. (Entrevista- terça-feira, 11 de setembro,2007).

Percebe-se, através da transcrição acima, que ocorreram mudanças, sim, no comportamento dos alunos. E, ainda, tais mudanças são pensadas como aquelas que surgiram no novo espaço, e talvez o motivo seja que o novo prédio permitiu uma maior liberdade. O certo é que essas mudanças de comportamento do alunado levaram ao coletivo administrativo e docente da escola repensar os benefícios e os fatores prejudiciais da estrutura que se tinha anteriormente e na que passou a ter. Repensar um todo, a estrutura como o espaço físico, o alunado e o quadro humano – pessoal. A escola, na pessoa dos professores, em reunião para discussão dos problemas, pode apontar que a mudança de local acarretou novas formas de estar na escola para os alunos, formas como uma maior liberdade, sem estar muito a vista e não ter mais um olhar próximo, de controle.

A falta de limites dos alunos leva a conflitos diários entre professores e alunos, dentro e fora da sala de aula, e deixa evidente que os alunos não demonstram nenhum respeito a quem quer que seja a pessoa. (Entrevista- terça-feira, 11 de setembro,2007).

Encontramos então outra questão, muito controversa e discutida em bibliografias, que é a questão de quem pertence a responsabilidade de dar limites e ensinar a respeitar. O discurso da escola tem como responsável por estas duas categorias, limites e respeito, a família. Declara a direção que:

Eles não têm, limites com absolutamente nada, sabe assim: com os professores em sala de aula, com os colegas em sala de aula, eles não tem respeito. E isso é a parte básica que vem de casa, não é nosso, é a parte da família. Então eles não tem assim, *limites nenhum* dentro da escola. Não tem até que a gente começa a impor e ai dá confusão.[...] (Entrevista- terça-feira, 11 de setembro,2007).

Quanto à falta de limites e respeito, a escola difere o que lhe é de sua função, e expõe que é de responsabilidade da família impor limites e ensinar respeito, e que ambos se estendam à escola. E ainda, a escola reage quando há ausência de limites e respeito por parte dos alunos. A escola, segundo o relato, começa a impor ações dentro da escola que façam os limites e o respeito ser assimilado e praticado por cada um. E, também, claramente as declarações colhidas apontam que ainda persistem as dúvidas quanto ao que realmente possa ter acontecido com a mudança de local da escola.

A escola declara, por meio da fala registrada nos questionários de seus professores e direção, ter problemas de disciplina e estratégias organizadas para prevenir que os problemas disciplinares ocorram insistentemente na escola.

Então, a partir da mudança no comportamento do alunado da escola, parceira desta investigação, da maior liberdade dos alunos vista pela escola, foi elaborado para o espaço físico do prédio um controle sobre os movimentos e distribuição dos alunos, além dos já existentes. Esse controle foi projetado estipulando primeiro uma escala de vigias.

A escala designa um profissional, a cada período de aula, a fazer o controle nas dependências da escola durante as aulas. Para melhor compreensão desse mecanismo apresentamos trechos de um diálogo, junto a uma professora e que inicia nos respondendo a uma pergunta: *“D. para que é mesmo que vocês ficam aqui na ponta da escada falando com os alunos?”* continua o diálogo

D: Tu sabes... (risos) a gente tem que cuidar se não parece que é uma tropa... *o barulho da escada é muito grande ...é insurdecedor...não só o da escada mas deles (se refere aos alunos)... [..]* É assim ...nós temos dois vãos de escada de subida e dois de descida, mas na verdade usamos os lances de escada da direita para que os alunos subam e o lance da esquerda fica quase que sempre livre para descer quando orientado e uso dos funcionários e professor, como passe livre. Por que senão a gente é levada por diante, os

alunos, ficam com este lado e o outro fica livre. [...]Interrompe e fala com os alunos [...]. (Diário de campo, 19 de junho de 2008).

Mas, mesmo com esse controle estipulado dentro da escola, ainda se apresentam outros problemas de disciplina na escola. Pois abertamente a escola declara que:

A gente vai lá ver o que faz...melhorou bastante....e mas o que não melhorou ainda foi o que falta vir de casa. [...]E a gente não consegue fazer milagre aqui dentro. A gente consegue conter. Mas fazer milagre não se consegue. Por isso a gente está chamando os pais, como chamei a semana passada, toda a semana para reunião. (Entrevista- terça-feira, 11 de setembro,2007).

Com o que foi declarado, percebe-se que a intenção foi evitar que alunos andassem vagando pela escola, para que não ocorram conflitos ou tumultos no pátio durante o recreio, e é claro, para a prevenção da indisciplina. E também, a mudança para o novo prédio trouxe “uma escada com dois vãos” e alguns problemas a serem resolvidos e outros possíveis a serem prevenidos.

Mediante a descrição da problemática disciplinar apresentada na escola, perguntamos se ainda é possível que, na atualidade, o discurso escolar traga introjetado resquícios da disciplina do discurso religioso analisado por Max weber na modernidade, também analisado por Michael Foucault e pelos autores atuais?

No próximo capítulo, apresentaremos a análise do cruzamento dos dados coletados pela pesquisa bibliográfica e pela pesquisa empírica. Para tal cruzamento, traremos como destaque a incidência de dados, as categorias encontradas e a análise de possibilidades de problematização pretendidas e evidenciadas que pautaram esta dissertação desde seu início.

4. SERÁ QUE AINDA EXISTEM RESQUÍCIOS DA DISCIPLINA DO DISCURSO RELIGIOSO NO DISCURSO ESCOLAR?

Ao ser perguntado aos professores, que participaram da pesquisa de base, se a escola apresenta problemas de disciplina, apresentaram-se respostas afirmativas e negativas, ou seja, a escola segundo o saber docente tem ou não problemas de disciplina. Observando o gráfico abaixo é possível perceber que uma parcela significativa aponta para a existência de problemas de disciplina na escola.



Figura 1. Percentual de professores quanto a percepção de problemas de disciplina na escola.
Fonte: dados coletados em questionário semi-aberto.

Quantificando os dados tabelados, obtivemos um percentual de 72,73% para a resposta sim, um percentual de 22,73% para a resposta não e para sem resposta 4,54%. Considerando, então, o percentual de 72,73% uma boa representação atesta-se indicação de que a escola apresenta problemas de disciplinares. Levando em consideração a amostragem geral de 22 professores participantes respondendo a dois questionários com questões abertas.

Também encontrou-se dados interessantes quanto a confissão religiosa indicada pelos professores no processo investigativo. Foi coletada a seguinte porcentagem quanto a confissão religiosa dos professores:



Figura 2. Confissão Religiosa indicada pelos professores.
Fonte: dados coletados em questionário semi-aberto.

Outro dado interessante é a formalização do conceito de disciplina feita pelos professores. Em questionário aberto, com a questão posta sobre o entendes por disciplina e indisciplina, retirou-se o fragmento das respostas “ disciplina é”

observando-o como uma referência do saber apropriado pelos professores. Observamos no gráfico abaixo a insistência do conceito e saber docente quanto à disciplina.

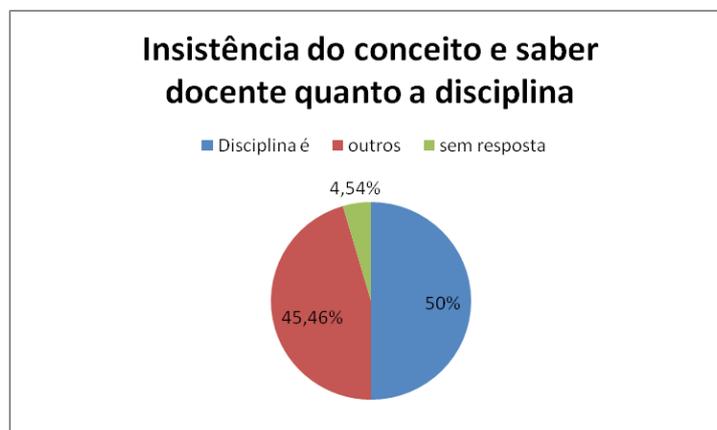


Figura 3. Insistência do conceito e saber docente quanto a disciplina.
Fonte: dados coletados em questionário semi-aberto.

Constatado a indicação de que a escola apresenta problemas disciplinares, a indicação docente da confissão religiosa de cada um e o conceito de disciplina apropriado como um saber docente, buscou-se então, os instrumentos utilizados pela escola para enfrentamento dos problemas de disciplina/indisciplina, encontrou-se no Regimento Interno da escola algumas regras e normas.

O Regimento Interno foi aprovado nos termos do Parecer do Conselho Municipal de Educação (CME) sob nº002/03 e apresenta as regras e as normas gerais para os indivíduos da escola. Em seu item, com identificação 7.3.2, de título *Deveres*, o documento declara que são sete (7) os deveres do aluno. Mas, desses sete, destacaremos no parágrafo seguinte dois deveres.

Segundo o Regimento Interno, “*são deveres do aluno: [...] ter adequado comportamento social, concorrendo para o bom nome da escola; tratar com cordialidade e respeito a direção, professores, funcionários e colegas.*” (trecho do R.I., p.34) Então, é esperado pela escola que os alunos, mediante a instrução deste documento, saibam o que é esperado deles e correspondam à regra devida.

O Regimento Interno é, primeiramente, a própria disciplina conceituada e planejada pela escola, outorgada e consentida pelo órgão do Conselho de Educação. Esse documento tem capacidade de, quando acatado, organizar e influenciar o discurso escolar. Sua influência é direcionada aos saberes dos professores da escola. Torna-se discurso escolar quando os professores observam as regras e normas do documento, acolhem e passam a utilizá-los exigindo o modelo de ação individual quanto ao *comportamento adequado*. Assim, configura-se o discurso escolar através dos saberes e práticas docentes, o discurso escolar estabelece quais são as regras e normas da escola.

A partir do que foi exposto, percebe-se que a disciplina não subsiste somente pela existência de um documento redigido, ela vem a existir quando encontra o instrumento humano que lhe possibilita a assunção e ação. O discurso possibilita a existência da disciplina através dos saberes e práticas dos professores.

Então, ao se tentar pensar sobre um discurso escolar, adentra-se em um processo subjetivo, pois, sabemos de antemão que cada escola constitui seu discurso e influencia a afirmação deste discurso na escola, conforme sua visão e seu ideário educativo. Para descortinar, de forma concisa o discurso escolar sobre a disciplina, é preciso recorrer e adentrar no espaço escolar. Por isso, buscamos no espaço escolar, os saberes e as práticas disciplinares a que nos propomos investigar.

A distinção das práticas só foi possível a partir da “dissecação” do material colhido de cerca de 220 alunos, por meio de um questionário fechado e outro semi-aberto. Desses, foi separado, aleatoriamente, uma amostra de 47 registros em forma de questionário misto, com questões em fechado e duas questões em aberto, essas últimas consideradas as mais críticas e importantes para nós. Importantes, pois a partir delas é que foram possíveis estabelecer as categorias do discurso contido na prática docente. Já sobre os saberes, a verificação se deu a partir do material colhido através de entrevistas, diálogos registrados, observação, relatos de pais e questionário respondidos pelos alunos e pelos professores.

Já se sabe, conforme o apresentado no início deste capítulo, que através do discurso se definem os conceitos de disciplina. No discurso escolar da Escola Helena Small, os saberes de professores nos dizem que: *“Disciplina é termos regras para viver, horários, respeito conosco e com os outros[...]”*(CMPS-professora). Ao perguntarmos aos alunos como é feita a disciplina pelos professores obtivemos várias caracterizações. Uma delas nos diz que tem professor *“Impõe situações, horário de conversar e horário de fazer as atividades, manter boas relações.”* (LGF- aluno 8ª série).

Constata-se que a prática docente apresentada tem como fundamento o saber docente que tem na disciplina uma regra para o convívio social. O discurso escolar compreende disciplina como aquela que promove as *regras* necessárias para o convívio em seu ambiente. Em nossa análise o conceito de disciplina, aqui evidenciado pelo discurso escolar, é o de regramento de vida.

Ao conferir quantos professores se referem ao *ter regras* como parte central de sua conceituação de disciplina, ou seja, os saberes de professores sobre a disciplina, encontrou-se o percentual de 45,46%, o que mostra um valor significativo e perceptível no gráfico abaixo.



Figura 4 . Partes significativas do conceito de disciplina dos Professores.
Fonte: dados coletados em questionário semi-aberto.

O conceito exposto por Max Weber sobre disciplina, em seus *“Ensaio de Sociologia”*, apresenta que *“E de todas as forças que diminuem a importância da ação individual a mais irresistível é a disciplina racional.”*(WEBER, 2002, p.177),

encontra-se na escola essa disciplina, uma *força* sobre os sujeitos que indis põem neles as vontades próprias. O mesmo autor apresenta a disciplina do discurso religioso como sendo as próprias regras, com poder de gerar os *regramentos de vida*.(WEBER, 2004). Percebe-se, uma aproximação entre o discurso escolar e o discurso religioso através da formalização do conceito de disciplina.

Mas, outros conceitos foram colocados em relação à disciplina durante a investigação. Foi descrita e conceituada como o respeito mútuo entre as hierarquias, respeito ao outro e saber respeitar os direitos dos outros. Esses três, tomam a forma de conteúdo principal da disciplina, e assim são os saberes que constituem o conceito de disciplina. Eles se apresentam nas falas que também fazem parte do discurso escolar, e tomamos como exemplo os seguintes: “[...] *disciplina é o respeito mútuo entre alunos e professores, funcionários e equipe diretiva da escola. Para haver disciplina se faz necessário conversas e, principalmente, respeito ao outro.*” (RCA- professora). Também é descrita a disciplina por outros professores como, “[...] *saber respeitar os direitos dos outros, [...]*”(DPR-professora), “[...] *é quando os professores, e alunos mantêm o respeito mútuo.*”(KSCM-professora).

Constata-se, portanto, que conceituar disciplina é algo multiforme, como também subjetivo. Já podemos apresentar, não apenas o conceito de disciplina encontrado, mas, os saberes e as práticas de professores que nos revelam ou não, no discurso escolar atual, os resquícios da disciplina do discurso religioso na modernidade.

4.1 Encontrando os resquícios da disciplina do discurso religioso na modernidade no discurso escolar na atualidade

Finalmente, chegando à verificação da existência de resquícios da disciplina do discurso religioso na modernidade no discurso escolar atual, apresentamos aqueles encontrados, categorizados e analisados neste sub-capítulo. Ao agregar os

dados colhidos na pesquisa de campo constituiu-se uma matriz de análise com 18 categorias possíveis de análise. A partir da tomada geral dessas categorias foi possível distinguir os saberes e as práticas de professores quanto à disciplina dispensada por eles.

Apresenta-se no parágrafo a seguir, a nomeação das seis (6) categorias percebidas como a projeção de saberes e práticas de professores. Destas seis (6) categorias, cinco (5) são colocadas à serviço de uma única categoria, que é considerada como a unidade central de análise, reforçando a visibilidade do intercâmbio dos discursos analisados.

Através dos saberes e práticas dos professores encontramos o *ter horário*, insistido nas falas de docentes e alunos. Os professores dizem: “Disciplina é termos [...], horários [...].” (CMPS-professor) e “Disciplina- [...]horário,[...]” (DMA- professor). Nota-se que, novamente, a disciplina é apresentada pelo seu conteúdo, como já descrito no subcapítulo anterior. Mas esse conteúdo, ou seja, o discurso formado a partir do conceito, não só permeia os saberes dos professores como também das práticas descritas por seus alunos.

Os discentes nos dizem que quanto à disciplina do controle do tempo, do horário, “*Bom é assim, tem hora para sair de aula, tem hora para fazer as perguntas [...].*” (NAS – aluno 8ª série). E ainda, os professores por suas práticas “*Impõem situações, horário de conversar e horário de fazer as atividades, [...].*” (LGF- aluno 8ª série). Mas a que mais se repete é a de “[...] *horários de chegada na aula, [...].*” (GAR, aluno sem identificação).

Retomamos, então, que no discurso escolar atual, entre os vários conceitos de disciplina encontrados, destacamos aqueles que dizem que: “*Disciplina é termos regras para viver,[...].*” (CMPS- professora) e dentre essas regras está, com destaque, “[...] *ter horários [...].*” (LP- aluno 8ª série). Max Weber descreve que na modernidade o discurso religioso apresentava como conteúdo da disciplina a organização e a vigilância sobre o tempo, os horários muito bem controlados, bem

como, as pessoas nos espaços. Isso garantiu para o capitalismo que fosse evitado perder tempo e conseqüentemente dinheiro. Max Weber afirma isso ao citar Benjamim Franklin que incisivamente disse: *“Lembra-te que tempo é dinheiro; [...]”*(WEBER,2004, p. 42).

Na modernidade, o discurso religioso implementou a disciplina do controle do tempo na vida dos sujeitos e, esta, prolongou-se ao mundo do trabalho na medida em que apregoava-se:

A perda de tempo é, assim, o princípio mais grave de todos os pecados.[...] Mas não deve esquecer que o primeiro homem a viver com o tempo todo subdividido foi (na Idade Média) o monge, e o toque dos sinos da igreja era para servir primeiro a sua necessidade de fracionar o tempo.(WEBER, 2004, p.143 e 250).

Perder tempo, ainda hoje na atualidade, parece um pecado, um erro contra a produtividade. Implicitamente, percebe-se, nas declarações, que *ter horário*, subdividido e marcado sonoramente, é um dos conteúdos da disciplina do discurso escolar atual. Não é permitido perder tempo, deve-se ter horário para tudo, para o trabalho intelectual, para necessidades vitais, enfim, o tempo é, sim, fracionado na escola como no mundo do trabalho. Também é marcado para que não seja esquecido seu uso adequado. Relembramos que ter horário tem a sua raiz, na modernidade, pelo discurso religioso e parece ter alcançado o discurso escolar atual.

A imobilidade e a ordem, corpos estáticos em espaços determinados são compreendidos como disposições para a produtividade. São encontradas na E.M.E.F. Helena Small, segundo os alunos, a regulação pela imobilidade e pela ordem, os professores *“Impõe situações, horário de conversar e horário de fazer as atividades, mantendo boas relações.”*(LGF,182). Nos relatos os alunos, dizem-nos ainda: *“Bom é assim tem hora para sair de aula, tem hora para fazer as perguntas. Na hora que ela está explicando tem que ficar quieto, só pode sair nas horas que elas deixam.”*(NAS,182).

São efetivadas a imobilidade e a ordem a favor de uma produtividade que garanta o sucesso dos sujeitos no futuro. Produz-se no discurso escolar a defesa para que o aluno tenha uma visão de que todo processo disciplinar feito pela escola está a serviço de seu futuro. Isto é percebido na fala de um dos alunos que participaram desse processo investigativo. Para ele, “*A disciplina é bem colocada, nos preparando para um futuro melhor, nos passando a educação necessária para seguir o futuro.*” (BCG, 181).

A regulação, pela imobilidade e pela ordem, também foi instrumentada e defendida pelo discurso religioso. Segundo Max Weber, os empregadores, através de um discurso religioso que exigia uma prática disciplinar dos sujeitos, lucravam em seus negócios devido a regulação de tal discurso que “[...] punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos, extraordinariamente eficientes e aferrados ao trabalho como se finalidade de sua vida [...]”.(WEBER, 2004, p.161).

Esses trabalhadores sóbrios, conscienciosos, eficientes e aferrados ao trabalho, trabalhadores atentos e imóveis, seguindo uma ordem de tarefas com dedicação, eram os melhores e lucrativos empregados, sujeitos que seguiam um discurso que lhes asseguravam que era preciso em suas vidas, trabalhar disciplinadamente com vistas ao futuro. Existia, segundo Max Weber, uma insistência “ao trabalho duro e continuado, tanto faz se corporal ou intelectual.” (WEBER, 2004, p.144). Enfim, percebemos que o trabalho duro e continuado do discurso religioso, que se caracteriza pela imobilidade e pela ordem do discurso escolar, são difusores do sucesso dos sujeitos numa visão para o futuro.

No discurso escolar atual, a partir das práticas de professores descritas por alunos, registramos as *regras* como princípio direto da disciplina, não esquecendo que elas são as prescrições, ou seja, elas são as indicações de quais os exercícios, o conteúdo da disciplina. Porém, considerando as falas discentes, verificamos que

entre as práticas de professores a *privação* é uma praticada na escola. Como correção disciplinar privar o aluno de determinado contexto ou espaço pode ser exemplificado em “[...] *tirar recreio, etc...*” (LB, aluno sem identificação). Em uma fala da entrevista, concedida à pesquisa, no dia 11 de setembro de 2007, a *privação* é vista como uma medida disciplinar adotada pela escola na intenção de impor limites aos alunos que agem infringindo as regras da escola, que não mostram ter limites. Mas a escola ao fazer cumprir o discurso disciplinar, enfrenta problemas com a família dos alunos. Os alunos, com relação a limites, são aqueles que:

Não tem. Até que a gente começa a impor e aí dá confusão. Função de... que os pais vêm, e querem saber o “por quê”. Por que o filho dele está privado de estar na sala de aula e está na biblioteca. Por que o filho dele não pode participar de um recreio, participar de uma educação física. Entendesse?.(Entrevista com Diretora, 11 de setembro de 2007).

A ação de estar privado ou como escolhemos chamar, de *privação*²⁴, é imposta como limite ou lembrança aos indivíduos. Indivíduos que, por um momento, falta-lhes algumas qualidades, como a de corresponder positivamente às regras como é capaz. Então, para aqueles que estão privados e que não cumprem ou não observam as regras estabelecidas pelo discurso escolar, o sistema do discurso lhes impõem uma *privação* maior com intenção de trazer-lhes o que lhes falta: o comportamento adequado e esperado.

Mas existe outra formalização de disciplina que tem aparência²⁵ da *privação*, é a *suspensão*. Segundo o discurso escolar ela também é necessária pois quando o comportamento de determinado aluno chega a uma gravidade, a escola tem o poder de agir “[...]chamando seus pais para serem notificados dos acontecimentos [...] tomando providências mais drásticas - suspendendo o aluno ou alunos.” (Vice-diretora -Diário de Reunião de Pais,04/08/2007). Essa ação de suspensão afasta por determinado tempo o indivíduo, mas não por definitivo, e seu retorno é garantido. Ficar afastado da sala de aula, impedido de conviver momentaneamente com o seu coletivo habitual, são limites impostos pelo discurso escolar como forma de *privação* e *suspensão*.

²⁴ Apropriado o termo e o sentido do conceito de Aristóteles.

²⁵ Não queremos nos deter aqui descrevendo o conceito de *aparência* estruturado por Karl Marx, mas tomamos de empréstimo seu conceito.

Assim, a *privação e a suspensão*, retiram por um momento o indivíduo do convívio social de um grupo ou sua estada em um espaço, dando a ele o poder de retornar após a correção. Não o retira totalmente do sistema, apenas o isola dentro do próprio sistema.

Já a *exclusão*, no discurso escolar é evidenciada pelo convite a se retirar ou procurar outro espaço, isso devido a que o indivíduo foi considerado despreparado a se adaptar às regras da escola.

Encontramos a prática acima destacada no discurso escolar atual em uma fala de uma reunião com pais da escola. Relata a direção que devido a um aluno que mostrou não considerar as regras da escola, provocando uma série de problemas, “[...] a escola [...] convidou o pai [...] a procurar outra escola, e isso será feito quando necessário for.” (Reunião de pais, 04 de agosto de 2007). Enfatiza também que a prática disciplinar será mantida e colocada em uso quando necessário se achar.

Entendemos que a palavra *exclusão* tem o mesmo sentido da palavra *excomunhão* que é praticada pelo discurso religioso na modernidade. É colocar para fora do espaço ou grupo aqueles que não se ajustam às regras. Segundo Max Weber, o discurso religioso ordenava “[...] a excomunhão devida a má conduta [...] um elemento auto-compreendido dessa disciplina.” (WEBER, 2002, p.316) e parecido com a alegação do discurso escolar. A exclusão pode ser então uma disciplina que regula os indivíduos, a sua permanência e pertencimento e protege o interesse de manter a estabilidade dos comportamentos desejáveis estabelecidos pela regra.

Assim, a *excomunhão* lança fora do sistema, desconsiderando a possibilidade de encontrar a qualidade que faltou ao indivíduo para permanecer na unidade. A *excomunhão*, aqui tratada em igualdade a *exclusão*, corta a possibilidade do indivíduo de permanecer ou pertencer mesmo que, por determinado período, seja isolado dentro do sistema num ato disciplinar. A exclusão é uma medida que pune cabalmente os indivíduos achados em posição de infratores. Não é dada a chance

ao indivíduo de se recuperar e buscar a qualidade que lhe faltou ou o comportamento adequado solicitado.

Retomamos então a citação de que “A excomunhão devida a má conduta [...]” (WEBER, 2002, p.316) vista por Max Weber na modernidade, uma disciplina que “[...]na medida em que foi efetiva - através de meios autoritários; [...] punia [...] atos individuais concretos.” (WEBER,2002,p.224). Essa forma disciplinar, a excomunhão, justifica o seu uso, a sua potência e o poder na autoridade manifesta frente à inadequada conduta.

Perceptível é que existem ainda alguns traços, mesmo que tênues, entre as disciplinas do discurso religioso e discurso escolar. A *excomunhão*, derivativo do discurso religioso na modernidade se assemelha a medida disciplinar da exclusão na escola na atualidade. Também, destaca-se que em ambos discursos encontra-se diferentes formulações de mecanismos disciplinares, num, a questão dos *meios autoritários* e, noutro, *tomando providências mais drásticas*, as formas de se efetivar a disciplina.

Outra forma de disciplina encontrada nos saberes e práticas de professores na Escola Helena Small é o *controle dos indivíduos em seu ritmo de circulação pela escola*. Encontramos a detecção desse controle durante as observações e através do com uma professora da escola, que apontou para a questão do ritmo de subir e descer as escadas. Esse movimento, sob controle por um grupo de funcionários e professores, segundo a professora D., é necessário pois:

[...] a escada retumba em todo o prédio o som que faz. Ela também é muito perigosa, tem parte que foi cortada nos degraus e tem fio se alguém cai é um perigo se cortar. -Interrompe e fala com os alunos : Pessoal sem empurrar... cuidado ai... - Então... assim com a gente controlando eles sobem ou descem no ritmo que a gente pede. Não tem correria, e algazarra sabe.... Tu entende... o recreio tem horários alternados para turmas alternadas, *enquanto uns estão em sala de aula outros estão descendo ou subindo, sem controle da escada...do sobe e desce... é muito barulho quem é que pode estudar assim.*Giovanna: E nos corredores? D: Eu estou aqui em baixo, mas lá na ponta da escada está a Lu que vê a escada e os corredores. Também as outras da escala estão controlando mandando para sala, vendo a circulação ns banheiros... a gente fica em cima...não para...e não dá senão é uma bagunça só e é o que eles (refere-se aos alunos) querem. Cansa falar as mesmas coisas a todo instante. Tu sabe é triste, mas fazer o que?... a gente

tenta manter uma ordem para o bem de todos...” (Diário de campo, 19 de junho de 2008).

Na citação acima, podemos observar que a escola na intenção de prevenir problemas tem estipulado uma rotina em que professores e funcionários são escalados para controlar, cuidar, o trânsito dos alunos e regular os comportamentos dentro do espaço escolar. Percebemos, a partir do trecho destacado, que a circulação é organizada com certos limites, ritmos, que são indicados aos alunos. Todas estas ações são descritas como sendo aquelas pensadas a favor de uma melhor convivência entre alunos e demais circulantes na escola.

Assim, a escada da escola é aquele espaço que propicia a indisciplina e promove a desordem. E, por isso, para controlar e manter a ordem, na tentativa de banir a indisciplina, algumas regras são organizadas e postas em uso. Um exemplo delas é a regra do “vão de escada dos alunos”.

No discurso escolar o controle dos movimentos é uma forma de disciplina que tenta prevenir a indisciplina. Esse controle dá aos indivíduos limitações como: “ *Não tem correria, e algazarra sabe...[...] a gente fica em cima...não pára...e não dá senão é uma bagunça só e é o que eles (refere-se aos alunos) querem.* (Diário de campo, 19 de junho de 2008).

Segundo o discurso religioso, o controle sob os indivíduos quando insistido, provoca a necessidade de um “controle austero e disciplinado do próprio corpo [...] que faz do trabalho diário e metódico um dever religioso, a melhor de cumprir, [...]”. (WEBER, 2004,p.279). O controle feito na escada e corredores da Escola Helena Small, percebida durante a narrativa do diálogo citado anteriormente, deve-se a necessidade de dois grupos de sujeitos distintos. Um é aquele que quer fazer “a correria, a algazarra, a bagunça”, e o outro é aquele que faz o controle, aplica a disciplina a fim de “ [...] eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida,[...]”. (WEBER, 2004, p. 109).

4.2 A disciplina do silêncio encontrada nos discursos religioso e escolar: a unidade central de análise

A partir de algumas constatações já evidenciadas nos sub-capítulos anteriores, buscamos mais detidamente no discurso escolar atual e no discurso religioso na modernidade, o conteúdo da disciplina entendida como *silêncio*. Para trabalhar esta unidade central de análise, iremos também utilizar expressões como *calar-se* e *silenciamento*, consideradas aqui sinônimas por seu efeito.

A partir das falas de alguns alunos da E.M.E.F. Helena Small, foi possível verificar as práticas de professores quanto ao silêncio sua exigência e sua efetivação. As falas nos apontam que "*As professoras e professores são obrigados a não exagerar com os alunos, mas sempre aplicam regras, mandando o aluno ficar em silêncio respeitando os colegas que querem silêncio para aprender.*" (GRAR-aluno sem identificação de turma). Segundo as palavras da professora RCA: "*Para haver disciplina se faz necessário conversas, e principalmente, respeito ao outro.*"(RCA-professora).

Em meio aos conceitos de disciplina fornecidos pelos docentes, o respeito aparece em citação direta e indireta em 12 declarações dos docentes. Esse número nos leva a encontrar um percentual de 54,54%, um grau de significância acima do moderado, por isso deve-se considerar a análise de tal categoria a serviço da unidade de análise, o *silêncio*.

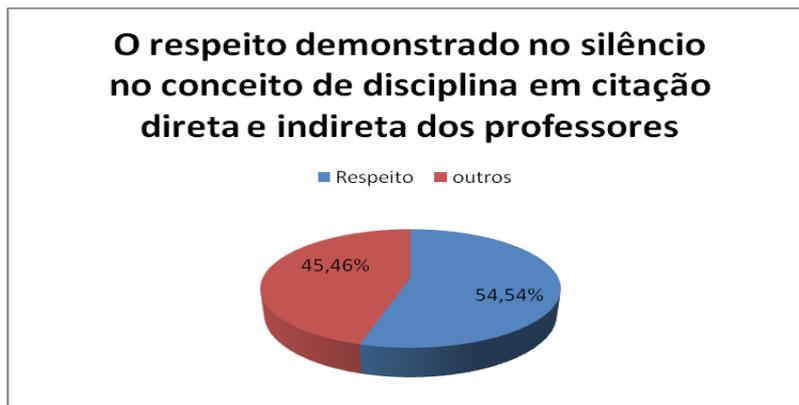


Figura 5 . O respeito demonstrado no silêncio no conceito de disciplina em citação direta e indireta dos professores.

Fonte: dados coletados em questionário semi-aberto

Encontramos, segundo o descrito nos parágrafo anteriores, os saberes e as práticas docentes que envolvem o *silêncio*. Este é atrelado ao respeito, trazendo assim, a necessidade de analisarmos o que está sendo pensado e como está sendo requisitado o silêncio junto ao respeito.

A partir de algumas falas de alunos que descrevem as práticas docentes, deparamo-nos com ações disciplinares que nos preocupam devido ao conflito que a partir delas é promovido. Relatam os alunos que “[...] quando nós estamos em aula e eles dizem "calem a boca" não pedem silêncio com educação, eu acho que alguns deles poderiam nos respeitar para que nós pudéssemos respeitar eles.”(MFSR-182), também “[...]mandando o aluno ficar em silêncio [...].(GRAR, sem), “[...] elas gritam e pedem pra fazer silêncio...[...].”(JR, sem), e ainda, "Mandando nós ficarmos calados, pois eles falam que querem passar a matéria,[...]"(BJD, sem) .

Primeiramente percebe-se que o silêncio é posto e considerado como um princípio. Inversamente a isso, segundo o plano moral, o silêncio é uma regra, e não um princípio. (LA TAILLE, 2006). Constata-se que existe um entendimento inverso e que pode tornar sem efeito a própria solicitação de silêncio, ou seja, o saber e a prática docentes apresentadas podem trazer prejuízos na manutenção da disciplina.

Seria mais adequado que fosse considerado o respeito como um princípio e o silêncio como regra. Isso poderia garantir uma maior clareza e direção para o esforço disciplinar solicitado, bem como as formas de solicitá-lo. E, entendendo

silêncio como uma regra, uma regra moral a ser cumprida, dispensaria-se o uso de um princípio amplo e complexo como o *respeitar* para a efetuação da disciplina requerida.

Além de ser solicitado o silêncio junto ao respeito, o silêncio é também requisitado segundo os saberes docentes de que é preciso o silêncio para que a aprendizagem ocorra ou se desenvolva. Vejamos novamente a citação que diz que aos alunos é necessário agir “[...] *respeitando os colegas que querem silêncio para aprender.*” (GRAR- *aluno sem identificação de turma*). Segundo a prática docente apresentada pelo aluno, o silêncio é posto como uma condição ou necessidade para se aprender. Isto não é novo, estudos que destacam as práticas e os saberes docentes, reafirmam que “[...] a disciplina, compreendida como sinônimo de silêncio, [...] é fundamental para que ocorra a aprendizagem.” (BARBOSA & XAVIER, In: XAVIER, 2006, p.26).

Então o *silêncio*, segundo as práticas dos professores, é necessário e está atrelado à aprendizagem, na justificativa de uma dependência ou condição para que o resultado do trabalho docente dê seu produto: a aprendizagem. Fica também subentendido que o silêncio promove a atenção, anula a possibilidade de dispersão. Porém, não é encontrado, nas falas docentes, o saber sobre a necessidade ou o porquê do uso da disciplina do *silêncio* em torno da aprendizagem.

Revistando os dados colhidos, encontramos a caracterização de dois antônimos do silêncio a partir dos saberes docente. Uma das passagens revela que “[...] *enquanto uns estão em sala de aula outros estão descendo ou subindo, sem controle da escada...do sobe e desce... é muito barulho quem é que pode estudar assim.*”(Diálogo com prof.D, diário de campo dia 19/06/2008). Fazer barulho, ao contrário de fazer silêncio, não é o requerido pela escola, pois o barulho, segundo o trecho do diálogo, pode interferir de alguma forma nos estudos dos alunos. Reforçamos que estudar está diretamente ligado a aprender, então, o saber apresentado por esta citação é aquele de que somente pelo *silêncio* é possível se ter uma aprendizagem.

Podemos então perceber que o silenciamento ainda permeia, segundo a fala dos alunos, às práticas disciplinares dos professores. Então, podemos presumir que para os professores, através da análise do discurso escolar de hoje, o silêncio de cada aluno em sala de aula é fundamental para que os sujeitos possam aprender ou ensinar.

Pode parecer uma afirmação muito forte, mas percebe-se que os professores, a partir de seus saberes e práticas, continuam, no discurso escolar, a utilizar a disciplina do *silêncio*, fazendo sua manutenção sob a pretensão do plano moral do princípio *respeito*.

Também ao utilizarem essa regra disciplinar, o *silêncio*, fazem-no de maneira inapropriada, levando ao conflito, dentro do espaço educativo. E por fim, é claro que o *silêncio* tem sido instrumentado em favor da aprendizagem.

O silêncio, por muito tempo tem sido apreciado pelas instituições religiosas. No período Medieval, o silêncio obteve a sua grande valorização mediante à solicitação prática do isolamento dentro do âmbito dos mosteiros (COLOMBÁS,1990). Foi novamente valorizado e trazido ao uso pelo Capitalismo na Modernidade, mediante a solicitação de formas disciplinares que causassem a disposição nos indivíduos a concentração, a atenção e a produção superior. (FOUCAULT, 2007).

Encontramos na obra de Max Weber, que para o discurso religioso, o ato de silenciar ou calar constitui-se num ato de contemplação e audição da vontade e do domínio de Deus em sua vida. (WEBER, 2004). Somente pelo exercício austero e contínuo dos sentidos, de calar-se e ouvir, é que os sujeitos poderiam aprender ou serem ensinados por Deus. O discurso religioso na modernidade afirmava que: “[...] por isso ele deve calar-se, a fim de criar na alma silêncio profundo [...].”(WEBER, 2004, p.135).

Também, o *silêncio*, por seu pertencimento ao conjunto de regras, traz o princípio de respeito ao “[...] ter claramente o sentido do educar para uma ponderação serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência

individual [...]” (WEBER, 2004, p.135). Para melhor explicitar, a ponderação serena da ação, apontada por Max Weber, tem sua essência sinônima ao regramento moral que instituía o recato, a reserva, a reflexão e o autocontrole, entendido como respeito, quando foi antecipadamente procedido para o amor ao próximo. (WEBER, 2004, p.222 e 210).

O *silêncio* do discurso religioso na modernidade é aquele que, segundo Max Weber, promulgou “[...] a idéia de que Deus fala somente quando a criatura se cala passou a ter claramente o sentido de educar [...].”(WEBER, 2004, p.135). Necessário então é o ouvir, o silenciar-se para que se aprenda aquilo que está a ser ensinado.

Cada vez mais, calar-se é a expectativa de aprender. Em exemplificação sobre o silenciar, encontramos no dicionário o significado de *ação de contemplação*, que é aquela que põe os indivíduos em ação meditativa. E esta, por sua vez, pode ser sonhadora, utópica e imaginária, mas necessariamente em silêncio. (LUFT, 2001). Este tipo de silêncio parece-se com o da *contemplação noturna*, praticado pelos indivíduos como uma disciplina do discurso religioso que em caso de insônia deveria ser aplicada sobre si.

Max Weber nos descreve que a *contemplação noturna* possibilitava a aproximação com Deus e a ampliação dos sentidos. Ele observa que para o discurso religioso, “ Só assim [pela união mística com Deus à noite, antes de dormir] a razão é iluminada e o cérebro fortalecido,[...]”(WEBER, 2004, p.215). Então, tanto o intelecto como o as faculdade que dispõe a compreensão moral eram através do silêncio - contemplação melhor entendidas e apreendidas. Assim, a contemplação - um silêncio profundo, com o objetivo capacitar os indivíduos a alcançar aprendizagem foi instilada nos sentidos dos mesmos.

Compreendemos então que o *silêncio*, tanto no discurso escolar como no discurso religioso, apresentou-se como uma medida disciplinar ajustada às necessidades do plano moral e intelectual. Também, o *silêncio* foi solicitado no discurso escolar por motivos e fins nem sempre claros, o que causou, em determinados momentos, conflitos. Encontramos uma unidade central de análise, o *silêncio*, e através dela pudemos achar traços semelhantes e, seguramente, de igual

significância que aproximam o discurso religioso na modernidade ao discurso escolar na atualidade.

Encaminhamos então no sub-capítulo seguinte, a problematização e análise junto aos escritos selecionados de Paulo Freire, tentando trazer a ampliação e/ou encontro de possíveis causas dos conflitos detectados mediante os saberes e as práticas dos professores.

4.3 O discurso e a prática do silêncio: para Paulo Freire a necessidade de uma virtude

Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas Virtudes indispensáveis – a coerência. (FREIRE, 1997, p.72).

Após tudo o que foi tratado até o presente momento, nos propomos agora, neste subcapítulo, chamarmos a atenção para o discurso e a prática docente, e a necessidade de uma virtude, a coerência, que diminui a distância entre ambos.

O discurso, que tratamos como um saber docente organizado e intencionalmente assumido e a prática, reconhecida como as partes da ação educativa, são indissociáveis. Também foram temas tão bem tratados, até mesmo com insistência, por Paulo Freire em todas suas obras.

Diminuir a distância entre discurso e prática tem sido a problemática mais evidenciada e discutida por pesquisadores e professores. Segundo Paulo Freire, “ A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.”(FREIRE, 1997, p.24). Paulo Freire caminha conosco no reconhecimento da necessidade da coerência,

uma virtude, e da reflexão crítica, a fim de que a incoerência não seja o produto da docência.

Os textos que orientam a problematização foram: Educação e mudança (1979), Professora sim tia não (2000), Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (1997), e outros. Mas, escolheu-se *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, por abordar diretamente sobre a unidade central *silêncio*.

Então, junto a Paulo Freire se problematiza parte do percebido e registrado, algumas imagens e vozes da escola.

Das muitas imagens registradas durante a realização da pesquisa, algumas se apresentaram como o contraponto entre ação e discurso. Então se escolheu duas delas, uma servirá de guia e introdução e a outra na condução e reafirmação da problematização junto a Paulo Freire. Para isso, destaca-se, antes dela, referência ao saber docente que nos diz “[...] enquanto uns estão em sala de aula outros estão descendo ou subindo, sem controle da escada...do sobe e desce... é muito barulho quem é que pode estudar assim.”(Diálogo com prof.D, diário de campo dia 19/06/2008).

O saber docente, apresentado no parágrafo anterior, diz que o controle da escada é preciso para que o barulho venha a sofrer interferência que se aproxime ao silêncio. Na imagem abaixo, os alunos seguem a regulação feita pelo controle que indica aos indivíduos seus lugares e modos de agir. Nota-se ainda, que a ação disciplinadora apresentou nesse caso, um produto final de quase 100% de efeito sobre os alunos. Mas a exceção foi de um indivíduo, destacado na imagem digitalizada com contorno amarelo, que transita furtivamente pela esquerda, não cumprindo a regra, fazendo um barulho de retorno²⁶ ao grupo do lado esquerdo da escada.

²⁶ Termo técnico de áudio. O som se expande pela placa de metal, no caso o degrau da escada, e outro toque interfere respondendo de igual forma com o anterior emitido, fazendo o efeito de estar retornando o som que expande ao inverso pela placa de metal.



Figura 6. Movimentação na escadaria, a ordem dos sujeitos que por ela transitam.

Já a foto²⁷, imagem digitalizada e impressa abaixo foi tirada durante um período de observação no interior da escola, no horário das 8:30 hs. Um detalhe importante, é horário de aula, nos corredores encontram-se alguns alunos conversando num cochicho entre alas de sala de aula e frente à escadaria. Logo após o registro dessa imagem, a professora encarregada da vigilância irá dispersar esses alunos e encaminhá-los a sala de aula. Os banheiros se localizam logo a direita desta imagem, mas não há circulação neles, uma possibilidade é que os banheiros se localizam ao lado das salas de aula.

²⁷ A escola nos deu acesso e liberdade para registro de imagens e gravação de sons dentro de seus limites. Porém, devido a autorização ter que ser efetuada junto aos pais num registro em cartório declarando a devida autorização, as imagens apresentadas aqui nesta dissertação usa da técnica de ocultação das faces a fim de manter indefinida a identidade do indivíduo.

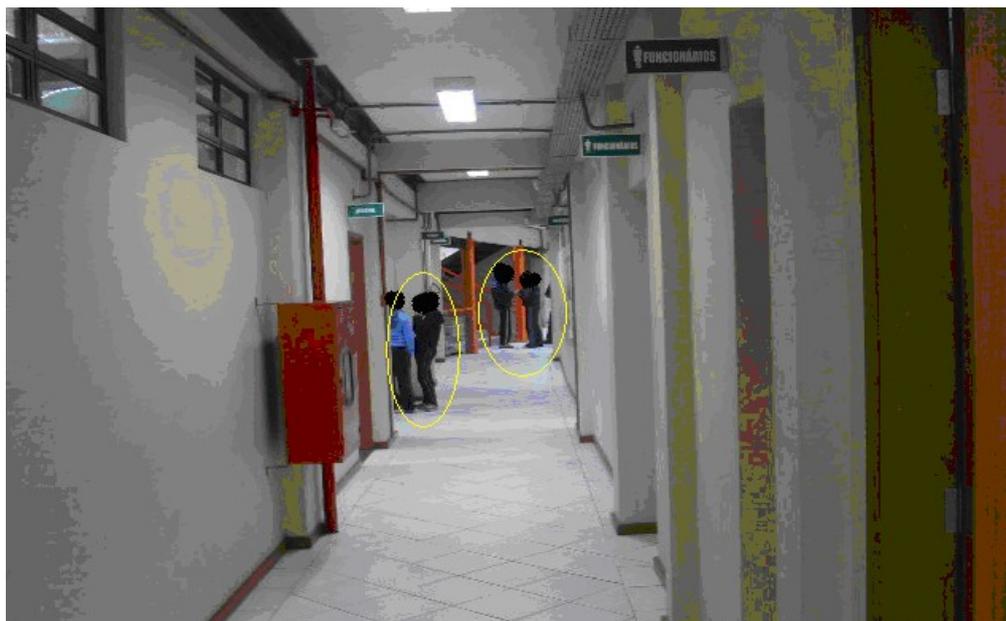


Figura 7. Imagem da fuga, a liberdade sendo exercida.

O registro desta imagem se deu num tempo aproximado de 5 minutos, pudemos registrar a liberdade sendo exercida dentro dos limites que a precedem. Os alunos conversam num volume de voz mínimo, fazem isso pelos cantos e em fuga da vigilância, que de antemão sabida, virá a qualquer momento.

O saber docente compõe um discurso de controle da circulação que deve ser feita sobre o alunado. Os responsáveis pela disciplina encaminham os alunos para sala usando um volume de voz maior do que o usado pelos alunos. Quanto ao saber docente sobre a vigilância e controle, são atrelados ao processo de ensino e aprendizagem, com outras palavras, o silêncio para este discurso é necessário porquanto é propiciador do processo já citado, mas somente por parte dos alunos.

Embasando-se em Paulo Freire, alertamos para esses saberes e práticas que “a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.”(FREIRE, 1997, p.104), ou seja, os problemas de disciplina apresentados na escola podem estar correspondendo às formalizações de disciplina que a própria escola, na figura dos docentes, têm admitido.

Analisamos ainda que as ações que limitam ou restringem ações e atitudes, são contrariadas através da fuga, como a apresentada na imagem da Figura 6 e 7. A fuga é um instrumento de exercício dos limites, das liberdades. A fuga dos alunos é aquela que continua a comprovar que não pode existir liberdade sem a prova de arriscar-se. Arriscar-se, aqui, é estar como os alunos da Figura 6 e 7, nos espaços que permitem o exercício de fazer-se livres. Tudo isso analisado, foi já percebido por Paulo Freire e ele nos ajuda a afirmar que “o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações.” (FREIRE, 1997, p.104).

E, quanto à *responsabilidade de suas ações*, vemos a total inabilidade dos alunos em lidar com algum momento de liberdade em que o controle de seus movimentos não vigora. Em um dos registros das reuniões convocadas, encontramos um caso de uma liberdade inapta. Destacamos um trecho do diário Relato de um Pai 04/08/2007, em que é relatado o tratado em uma reunião com pais. O pai que nos relatou a reunião na Escola Helena Small, diz-nos que a direção começa descrevendo um fato ocorrido dentro da escola com as seguintes palavras:

Os pais precisam rever os limites de seus filhos em casa, para eles compreenderem os da escola. Na segunda-feira um aluno agrediu outro em sala de aula, após uma discussão na saída para intervalo. Ele pegou um colega pelo pescoço e “prensou” sua cabeça na porta machucando-o levando ao desmaio e hematomas posteriores. Ambos, foram chamados na sala da diretora e se negaram a falar do ocorrido, chegaram a dizer que não acontecera nada – como lei do silêncio – porém, já era sabido o fato por nós e também o alvoroço que causou, pois alunas desceram do segundo piso gritando, professoras que estavam saindo da sala mandaram chamar ajuda. Soubemos que uma aluna tirou foto e pedimos que nos mostrasse as fotos para que pudéssemos realmente abrir o silêncio sobre o fato. (Diário Relato de um Pai, 04/08/2007).

O ocorrido está para além da indisciplina, ele pode ser declarado como violência escolar, mas queremos destacar a ação coletiva que institui, no caso, a

regra “lei do silêncio”. Muitas outras categorias de análise também são visíveis nesse trecho. Porém, focamos o silêncio feito pelos alunos frente ao problema que evidencia a falta de *responsabilidades das ações*. Surge a negação, uma forma de ocasionar o silêncio fechado entre os indivíduos, que se torna uma lei, uma regra para os que do espaço compartilham.

O mais sofrível apresentado é que as práticas e os saberes da escola participante do processo de investigação, produziram um discurso que preza o silêncio. Mas, em contrapartida, esse discurso é intencionalmente reproduzido com distorções pelos alunos e isso pode se dar devido a uma inabilidade em administrar a liberdade, como o ocorrido quando, fora do controle, encontraram-se.

A escola, por seu discurso, sofre com as consequências do que ela mesma propiciou, ou seja, um *espaço silenciado*. Entendemos, assim, como Paulo Freire também, que os saberes e práticas autoritárias são aqueles que conferem a posição de donos da verdade, não conseguem dar lugar a liberdade das falas, um exercício que conduz a responsabilidade das ações, e por isso quando ocorre algo como o relatado, “sua fala,[...] se dá num espaço silenciado e não num espaço com ou em silêncio.” (FREIRE, 1997, p132). O discurso escolar, ainda que fale incessantemente a respeito da escola como espaço democrático, necessita rever em seus saberes e práticas aquilo que propicia, desfavoravelmente, à disciplina que preza e zela.

A escola preza e zela a disciplina porquanto mantém regras, estabelece ordenamento das ações em seu espaço e mesmo assim os problemas disciplinares se agravam a cada dia. Entre os registros dos diários encontramos outro fato que nos remete a inconstância do silenciar e do silenciamento no discurso escolar. O relato nos descreve que:

Um aluno em ato de euforia, imitando outros alunos, pulou sob a escada de emergência da escola e teve um acidente sério. O aluno batendo com a cabeça na parte inferior do degrau de ferro, cortou-se na cabeça, na região acima da testa, em seu couro cabeludo. [...]O local onde estavam os alunos,

embaixo da escada de emergência - externa, é um local proibido aos alunos. [...] Foi pedido que os limites que a escola estabelece sejam entendidos pelos alunos com a ajuda dos pais. Desta vez, os alunos chamados, tiveram oportunidade de falar sobre o ocorrido e fazerem suas defesas. Mas, mesmo assim, a direção achou necessário chamar os pais dos envolvidos.[...] não cabe a escola dar limites e comportamento se sempre desculpamos o que fazem sem chamá-los a um comportamento responsável que não coloque a eles e aos outros em perigo. (Diário, Relato de um Pai -09/04/2008).

Na fala acima citada, percebemos a quebra do silêncio como aquela concedida aos alunos, segundo a disposição dos saberes e das práticas docentes. Caminhando junto a Paulo Freire, podemos ver que verazmente, no processo de fala e da escuta, “a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um ‘sine qua’ da comunicação dialógica.” (FREIRE, 1997,p,131). O silêncio, nesse processo de comunicação, é aquele que dá ao indivíduo o “*time*” da reflexão, da organização de seu pensamento, da procedência capacitada porque já calculou o que pode, o que necessita e o que deve fazer. Esse imperativo categórico kantiano tão bem tratado por Paulo Freire, encontra sua possibilidade no que é proposto e propiciado pela comunicação dialógica. Para o discurso escolar, em questão, a oportunidade de ouvir aqueles alunos, permitindo-os saírem do silêncio, serviu apenas para reforçar a ideia de que os alunos precisam ter um comportamento responsável.

Porem, o resultado da permissão de sair do silêncio, na comunicação entre sujeito e objeto, professor e aluno, é os comunicados feitos. A possibilidade de existir diálogo é nula. O que a comunicação feita resultou, evidencia-se na mostra do retorno dos alunos às mesmas ações não havendo mudanças em suas atitudes. Percebe-se isso na imagem da figura 8 abaixo destacada.



Figura 8. Imagem do retorno as brincadeiras embaixo da escada

Assim, as observações feitas na escola participante da pesquisa, foram aos poucos inserindo “o pesquisador” naquele ambiente conseguindo angariar um rico material para ser analisado, mesmo com a estada vigiada, percebido isso como a desconfiança, mas a garantia de conservação das identidades. Nas observações feitas, ficou sempre a convicção de que nenhuma das situações encontradas na escola seriam tratadas de forma leviana e divulgadas irresponsavelmente, apenas serviriam para enriquecer esta pesquisa. Essa pretensão norteou o trabalho dessa dissertação.

Conclusão

Ao se encaminhar para a conclusão da pesquisa, após a realização do cruzamento de dados bibliográficos que reportaram ao objeto de estudo percebido

na modernidade junto a autores contemporâneos e dados do discurso escolar atual, viu-se o descortinar do que consideramos complexo.

Por meio das vozes do coletivo escolar que fizeram parte da investigação, detectou-se o discurso escolar atual e suas raízes. Notou-se com ele, a complexidade da análise, justaposta com a veracidade do que foi encontrado, que não se dá como posto e acabado mediante os tempos turbulentos por que a escola passa quanto à disciplina/indisciplina.

Declara-se, então, que a temática aqui trabalhada, no processo de pesquisa, mostrou-se em determinada momento infinita. Porém, dentro que foi proposto como cerne da pesquisa, pode-se delimitar e encontrar subsídios que apontam o remanescer do discurso religioso na modernidade na disciplina no discurso escolar atual.

Encontrou-se sim, no discurso escolar atual, os resquícios do discurso religioso na modernidade. Entre as diversas ações disciplinares pode-se nomear: o ter horário e seu controle; a suspensão, a exclusão e a privação; o movimento controlado e respeito à hierarquia. Mas sem dúvida, a prática do silêncio foi aquela que com, maior vigor, apresentou-se introjetada e evocada nos saberes e práticas docentes registrados e observados.

O discurso escolar atual preserva e vigora, através dos saberes e práticas docentes, um conjunto de normativas semelhantes ao do discurso religioso na modernidade, porém, o silêncio evocado pelo discurso escolar atual se impõe aos indivíduos como premissa básica para a disposição à aprendizagem, posta como necessária para o indivíduo e o coletivo. Não se dispõe de registro que demarque a questão de elevo espiritual à Deus e a sua vocação, compromisso ético, que os indivíduos analisados por Max Weber entendiam ser possível através do silêncio profundo. Deus não fala aos indivíduos que silenciam no discurso escolar atual como o era para o discurso religioso na modernidade.

Mas no discurso escolar atual, os indivíduos se submetem e são submetidos, no requerente silêncio, para uma introspecção ou uma ativação dos sentidos. E

principalmente, o silêncio é entendido como necessário para a disposição do intelecto, para que o indivíduo possa aprender e assim ser produtivo.

Então, chegamos a conclusão que o silêncio, em ambos os discursos aqui tratados, é sinônimo de produtividade dos indivíduos. Pode-se então compreender que, assim como Max Weber observou na modernidade, o discurso escolar atual vê a disciplina do silêncio como aquela que [...] passou a ter claramente o sentido do educar para uma ponderação serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência individual [...] (WEBER, 2004, p.135).

Ao se problematizar junto a Paulo Freire a disciplina do silêncio, conseguiu-se fazê-lo de forma argumentativa e textual. Os subsídios encontrados nos textos do autor poderiam ainda ser usados junto a uma problematização na escola e com seu discurso escolar atual. Nesse caso, o problematizar envolve a escola e o encontrado pela pesquisa requer a organização de discussões, debates e diálogos pertinentes à questão disciplinar pensada e praticada na escola através do discurso escolar detectado. O que não foi possível no tempo hábil destes dois anos de pesquisa, aguarda-se a oportunidade de fazê-la.

Considerando a complexidade do tema, percebe-se não ser possível se fechar esta pesquisa, é impossível dá-la como terminada, acabada. Como o próprio Paulo Freire nos indica, faltou o esgotamento de todas as possibilidades na problematização, na intenção de que o discurso escolar atual se perceba como um autor e não um subliminar reproduzidor de outros discursos.

O mais importante talvez, nesse momento, seja buscar a possibilidade de um novo discurso escolar, um discurso embasado naquilo que o passado nos legou como produtivo e passível de aplicação nos dias de hoje e eliminado naquilo que torna a questão disciplinar como sinônimo de um silêncio opressor, aquele silêncio que transforma a capacidade crítica e imagética em um comodismo alienante e distante daquilo que se entende por democracia, pela expressão responsável e ética.

Referências

ACEVEDO, A.R. **Disciplina sim, mas com amor.** São Paulo: Paulinas,2005.

ANTUNES,A., ESTANQUEIRO, A. & VIDIGAL,M. **Dicionário breve de filosofia:vocábulo, correntes e autores**. Lisboa:Editorial Presença,2000.

AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

BARBOSA, M.C.S. & XAVIER, M.L. **Os primeiros estudos**. In: XAVIER, M.L. **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre:Mediação,2006.

BODGAN, R.C., BIKEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal:Porto Editora,1994.

CARVALHO, J. S. F. **Os sentidos da (in)disciplina : regras e métodos como práticas sociais**. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 129-38.

CARVALHO, A. B. **Educação e Liberdade em Max Weber**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

_____ **Max weber:modernidade, ciência e educação**.Petrópolis,RJ: Vozes, 2005.

COLOMBÁS, G. M. **La tradición benedictina: ensayo históricos (los siglos VI y VII)**. Zamora: Monte Casino, tomo segundo, 1990.

CRUZ NETO,O. **"O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação"**. In MINAYO,M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994. p.51-66.

ESTRELA, M.T. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Porto: Porto Editora, 2002.

FORTUNA, T. R. **Indisciplina Escola: da compreensão à intervenção**. In: XAVIER, M.L. **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre:Mediação,2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 2007.

FRANÇA, S.A.M. **A indisciplina como matéria do trabalho ético e político.** In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus, 1996. p. 139-148.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRELLER, C.C. **Histórias de Indisciplina Escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GERTH, H.H. & MILLS, C.W. Org. **Ensaio de sociologia.** 5. ed.. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

GHIGGI, G. **A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade: diálogos com Paulo Freire e professores em formação.** Pelotas: Seiva, 2002.

GIANCATERINO, R. **Escola, Professor, Aluno: Os Participantes do Processo Educacional.** São Paulo: Madras, 2007.

GOMIDE, P.I.C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais.** São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____ **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas.** Porto Alegre, Arned, 2006.

LUFT, C. P. **Dicionário Luft.** São Paulo: Ática, 2001.

NÉRECI, I.G. **Adolescência: O Drama de uma Idade.** Brasil: Editora Fundo de Cultura, 1960.

ORLANDI, E.P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** São Paulo: Pontes, 2001.

PEDRO-SILVA, N. **Ética, (In)disciplina e Relação Professor-Aluno**. In: LA TAILLE, Y. de. Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor. Porto Alegre:Mediação,2006.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz,2005.

VASCONCELLOS, C.S.(In)**Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Editora Libertad,2005.

WEBER, MAX. **A Ética Protestante e o “Espírito” Capitalista**. São Paulo: Companhia das Letras,2004.

.....**Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro,RJ: LTC Editora;2002.

XAVIER,M.L. & RODRIGUES, M.B.C. **Organização Escolar, Planejamento Pedagógico e Disciplina**. In: XAVIER, M.L. Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões. Porto Alegre:Mediação,2006.